

Universidade do Porto

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**CONSTRUÇÃO DE UM DIÁLOGO ABERTO ENTRE A MÃE E A CRIANÇA -
UM ESTUDO EXPLORATÓRIO COM FAMÍLIAS ADOPTIVAS E
BIOLÓGICAS**

Sandra Delgado Carmo

Outubro de 2014

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia,
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da
Universidade do Porto, orientada pelo Professor Doutor
Margarida Isabel Rangel Santos Henriques (F.P.C.E.U.P.).

Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**CONSTRUÇÃO DE UM DIÁLOGO ABERTO ENTRE A MÃE E A CRIANÇA -
UM ESTUDO EXPLORATÓRIO COM FAMÍLIAS ADOPTIVAS E
BIOLÓGICAS**

Sandra Delgado Carmo
Presidente: Doutor José Albino Lima
Arguente: Doutor André Vieira (Especialista)
Orientador/a: Doutora Margarida Henriques
Classificação: 16 valores

Sandra Delgado Carmo

Outubro de 2014

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia,
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da
Universidade do Porto, orientada pelo Professor Doutor
Margarida Isabel Rangel Santos Henriques (F.P.C.E.U.P.).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Resumo

A narrativa é um processo através do qual o Homem constrói significado para as suas experiências e conhece o mundo. Deste modo, a linguagem é um meio para poder significar as experiências, tanto para si como para os outros, quando partilha as suas histórias. A co-narração afirma a sua importância para a criança, pois ao relembrar o passado com o adulto, a criança vai organizar os significados da sua experiência. A reconstrução desta experiência para uma criança adotada vai ter as suas especificidades, uma vez que esta teve um trajeto de vida não convencional e com períodos de tempo desconhecidos para os pais por adoção, e portanto dependerá pelo que o processo de abertura da comunicação desenvolvido pela família adotiva será crucial.

Este estudo, de cariz exploratório, apresenta três grandes objetivos: (1) explorar a relação entre a abertura da comunicação em geral na relação mãe-filho e abertura da comunicação em relação a acontecimentos relacionados com a adoção e com o passado da criança ou em famílias biológicas em relação a acontecimentos críticos; (2) explorar a abertura da comunicação sobre o passado da criança e a adoção através de uma situação de observação e construção de uma narrativa de vida da criança; (3) explorar a interação mãe-criança na construção da narrativa de vida da criança.

Neste estudo participaram 18 famílias, sendo 8 famílias por adoção e 10 famílias biológicas, tendo as crianças uma idade compreendida entre os 8 e os 13 anos. Os instrumentos utilizados foram uma Entrevista semi-estruturada sobre a perceção da mãe acerca da abertura da comunicação em geral e sobre a adoção/ acontecimentos críticos, duas Tarefas Narrativas de construção de narrativa de vida da criança, uma co-partilhada na díade mãe-criança e outra de construção de uma hetero-narrativa de vida, neste caso da mãe em relação à criança, o Questionário CUIDA e o Questionário dos Hábitos Narrativos.

Os resultados obtidos permitiram verificar que foram encontradas algumas diferenças significativas entre os dois tipos de família em relação a subdimensões do índice da Abertura da Comunicação sobre o Passado/Acontecimentos Críticos. Nas narrativas de vida, apesar de existir uma maior diversidade temática nas co-partilhadas, verificou-se uma maior frequência em temas do passado e da adoção nas narrativas contadas pela mãe sozinha. Evidenciou-se uma correlação positiva entre o índice de Abertura da Comunicação sobre o Passado e os Hábitos Narrativos e outra com a dimensão de *Independência* do perfil de personalidade do CUIDA, assim como, e uma correlação positiva entre o índice de Abertura da Comunicação em Geral com a dimensão da

Empatia. Por fim, foram diferenciados cinco Estilos de Interação mãe-criança no processo de comunicação durante a co-construção da narrativa, embora não tenham sido verificadas associações entre esses estilos e os índices de Abertura de Comunicação.

Abstract

The narrative is a process through which humans build the meaning of their experiences and get knowledge about the world. Thus, the language is a way to give meaning to the experiences, both for oneself and others, when sharing our stories. The co-narration states his importance for children, as the child remembers the past with an adult, organizes the meanings of his experiences. The reconstruction of this experience for an adopted child has its specificities, since he had a non-conventional life story and with time periods unknown for his adoptive parents, making it crucial to develop a process of open communication in the family.

This study, an exploratory research, has three main goals: (1) explore a relationship between the openness communication in general in the mother-child relationship and the openness communication in events related to the adoption and the past of the child or in biological families in relation to critical events; (2) explore the openness communication about the past of the child and the adoption through an observation situation and the construction of a child's life narrative; (3) explore the interaction mother-child in the construction of the child's life narrative.

In this study participated 18 families, 8 adopting families and 10 biological families, in which the children were aged between 8 and 13. The instruments used were a Semi-structured interview about the mother's perception on open communication in general and on adoption/critical life events, two Narrative Tasks of Child's life narrative construction: one co-shared by the mother-child dyad and the construction of a hetero-narrative of life (in this case the mother constructed the child's life narrative), the CUIDA Questionnaire and the Questionnaire of Narrative Habits.

The results showed some significant differences between the two types of families on the sub dimension of the Openness Communication about the Past/ Critical life events. On the life Narratives though there was a more diverse thematic when they were co-shared, it was found a bigger frequency in past and adoption themes in the narratives told by the mother alone. It became evident a positive correlation between the index of Openness Communication about the Past and Narrative Habits and another positive correlation with the dimension Independence of the personality profile of CUIDA, as well as a positive correlation between the index of Openness Communication in general and the dimension Empathy. Finally, were differentiated five styles of mother-child interaction in the communication process during the narrative construction, but

correlations between that styles and the Openess Communication indexes were not found.

Resumé

La narration est un processus par lequel les hommes construisent le sens de leurs expériences et prennent connaissance avec le monde. Par conséquent, le langage est une manière de donner une signification aux expériences en partageant nos histoires, tant pour nous-mêmes que pour les autres. La co-narration confirme son importance pour les enfants, dans la mesure où l'enfant se souvient du passé avec un adulte, en organisant la signification de leurs expériences. La reconstruction de cette expérience pour un enfant adopté a ses spécificités, puisque l'histoire de sa vie est non-conventionnelle et certains moments de sa vie sont inconnus pour ses parents adoptifs, cela rend donc crucial de développer un processus de communication ouverte dans la famille.

Cette étude, une recherche exploratoire, a trois objets principaux: (1) explorer la relation entre l'ouverture de la communication en général dans la relation mère-enfant et l'ouverture de la communication dans les événements liés à l'adoption et le passé de l'enfant ou liés à des événements critiques dans les familles biologiques; (2) explorer l'ouverture de la communication à propos du passé de l'enfant et l'adoption à travers une situation d'observation et la construction de la narration de la vie de l'enfant; (3) explorer l'interaction mère-enfant dans la construction de la narration de la vie de l'enfant.

Dans cette étude 18 familles ont participé, elles incluaient 8 familles adoptantes et 10 familles biologiques dans lesquelles les enfants avaient entre 8 et 13 ans. Les instruments utilisés étaient les interviews semi-structurées à propos de la perception de la mère sur une communication ouverte en général ou dans les événements critiques/liés à l'adoption ainsi que deux méthodes de narration de la construction narrative de la vie de l'enfant: une co-partagée par la dyade mère-enfant et la construction d'une narration hétéro-narrative d'une vie (dans ce cas la mère construit la narration de la vie de l'enfant), le Questionnaire CUIDA et le Questionnaire d'Habitudes de Narration.

Les résultats ont montré des différences significatives entre les deux types de famille dans la sous-dimension de la Communication Ouverte à propos des événements critiques/passés de la vie.

Dans la Narration de la vie nous avons relevé des thématiques plus diverses quand elles étaient co-partagées, la fréquence sur les thèmes du passé et de l'adoption était plus grande dans les récits racontés par la mère seule. Il s'agit d'une corrélation positive évidente entre l'index de Communication Ouverte à propos du Passé et des Habitudes de

Narration et une autre corrélation positive avec la dimension Indépendance du profil de la personnalité de CUIDA, aussi bien qu'une corrélation positive entre l'index de Communication Ouverte en général et la dimension d'Empathie. Finalement, cinq types d'interaction mère-enfant ont été détectés dans le processus de communication pendant la construction narrative, mais les corrélations entre ces types d'interaction et les indexes de Communication Ouverte n'ont pas été relevées.

Índice

Introdução	1
I. Enquadramento Teórico	
1. Narrativas	2
1.1. Narrativas e significação das experiências	2
1.2. Desenvolvimento Narrativo.....	5
1.3. Co-Construção de Narrativas.....	6
1.3.1. Impacto da co-construção	8
1.3.2. Estilos parentais na elaboração das narrativas	9
1.3.3. Estilos de interacção.....	10
1.3.4. Padrões de comunicação	10
2. Adopção	11
2.1. A Família Adoptiva	11
2.2. Processo de Comunicação sobre a Adopção	12
2.3. O momento da revelação	15
2.4. Compreensão da adopção - o seu significado e implicações.....	17
II. Estudo Empírico	
1. Objectivos.....	19
2. Método	20
2.1. Participantes	20
2.2. Instrumentos	22
2.3. Procedimentos	24
3. Análise dos Resultados.....	26
4. Discussão dos Resultados.....	46
Conclusão	52
Referências Bibliográficas	55

Índice de Tabelas e Gráficos

Tabela 1. Médias relativas à Abertura da Comunicação em Geral e Abertura da Comunicação sobre o Passado em função do tipo de família	26
Tabela 2. Valores médios das subdimensões da Abertura da Comunicação sobre o Passado onde foram encontradas diferenças significativas entre as famílias adotivas e biológicas.	28
Tabela 3. Médias descritivas dos Hábitos Narrativos [13; 52].	29
Tabela 4. Associações entre Hábitos Narrativos e Aberturas da Comunicação.	30
Tabela 5. Frequência de temas que surgiram nas narrativas das famílias adotivas.	33
Tabela 6. Temas que reportam a Comunicação sobre o Passado anterior à adoção nas narrativas co-partilhadas entre a mãe e a criança e nas narrativas contadas pela mãe, respectivas frequências e exemplos ilustrativos.	35
Tabela 7. Frequências de famílias que referiram temas relativos ao passado anterior à adoção nas narrativas, nas quatro classes de valores criada.	37
Tabela 8. Tabela de frequências de narrativas co-partilhadas e contadas pela mãe segundo um grau de referência do assunto da adoção.	38
Tabela 9. Temas que reportam a Comunicação sobre a adoção nas narrativas co-partilhadas entre a mãe e a criança e nas narrativas contadas pela mãe, respectivas frequências e exemplos ilustrativos.	39
Tabela 10. Frequência de temas que surgiram nas narrativas das famílias biológicas.	40
Tabela 11. Frequências das famílias que referem, desenvolvem ou contam episódios sobre <i>acontecimentos críticos</i> e exemplos ilustrativos para as narrativas co-partilhadas e narrativas contadas pela mãe.	41
Tabela 12. Frequências dos estilos de interação em função aos assuntos relativos ao passado anterior à adoção.	45
Tabela 13. Frequências dos Estilos de Interação em função aos assuntos relativos à adoção.	46
Gráfico 1. Diferenciação das médias da Empatia, Sociabilidade e Altruísmo em função do tipo de família.	31

Gráfico 2. Percentagem dos estilos de interação entre mãe e criança segundo famílias adotivas e biológicas. 45

Introdução

A narrativa espelha-se como um dos aspetos mais fundamentais do Ser Humano. É através desta que os indivíduos representam as suas experiências, atribuindo-lhes um significado. Esta (re)construção das experiências pessoais é iniciada desde cedo, na altura em que a criança desenvolve a linguagem. O desenvolvimento narrativo é facilitado na interação com os pais que ao co-narrarem, a criança aprende formas de se representar e, por sua vez, de se conhecer perante o mundo. A reconstrução desta experiência para uma criança adoptada vai ter as suas especificidades, uma vez que esta teve um trajecto de vida não convencional, e portanto dependerá do processo de comunicação desenvolvido pela família adoptiva.

Interessa-nos, portanto, explorar o conceito de abertura da comunicação sobre assuntos relativos ao passado da criança e de que forma estes temas são integrados numa narrativa conjunta entre a mãe e a criança e numa narrativa apenas com a mãe. Interessa-nos também perceber se existem associações entre os hábitos narrativos desenvolvidos pelas famílias e os conceitos de abertura e, por fim, qual o impacto do perfil de personalidade das mães na percepção do conceito de abertura da comunicação.

A primeira parte deste estudo incide numa revisão bibliográfica, a qual estará dividida em dois grandes tópicos. O primeiro dá ênfase às narrativas, passando pela sua definição e caracterização, descrevendo o desenvolvimento narrativo e explorando o impacto da co-narração no que é recordado pela criança. Já o segundo tópico foca o tema da adoção, particularmente, o processo de comunicação sobre a adoção, explorando questões como o momento da revelação e como a compreensão da adoção e as suas implicações.

A segunda parte avança para o estudo empírico, começando com a definição dos objetivos e metodologia de investigação, passando para os resultados e respetiva discussão. No final, é elaborada uma pequena conclusão do estudo, referindo as principais limitações do mesmo, bem como propondo sugestões para investigações posteriores.

I. Enquadramento Teórico

1. Narrativas

1.1. Narrativas e significação das experiências

Contar histórias sobre os nossos encontros com a realidade tem vindo a demonstrar-se uma prática de todas as idades e culturas. Seja através de mitos, contos de fadas, lendas, óperas, filmes, biografias, o ser humano utiliza várias formas de construir significados do seu ambiente e das suas vidas. Contar ou narrar histórias é um processo através do qual o ser humano experimenta essa realidade e organiza o conhecimento sobre o mundo experienciado.

Geertz (1982 cit in Bruner, 1990) afirma que "não existe uma natureza humana, independente da cultura", o que nos faz pensar que esta forma de experimentar o mundo não pode estar dissociada de uma cultura que funciona como um elemento central na partilha de sistemas simbólicos que permitem viver e trabalhar em conjunto. O modo de vida do ser humano, por estar adaptado a uma cultura, depende dos significados e conceitos compartilhados, bem como dos modos de discurso para se negociarem as diferenças existentes nas interpretações (Bruner, 1990).

Sobre a construção dos significados Bruner (1990) apresenta dois argumentos: o primeiro é que para compreender o Homem se deve entender de que forma é que as suas experiências e os seus comportamentos são modulados pelos seus estados intencionais; o segundo é que a criação desses estados intencionais só é suportada mediante a participação nos sistemas simbólicos da cultura. Estes argumentos remetem-nos para a importância dos padrões inerentes aos sistemas simbólicos - linguagem e modos de discurso, formas de explicação lógica e narrativas -, sem os quais não haveria compreensão entre indivíduos de uma mesma cultura.

O carácter significativo da linguagem e do discurso nasce no momento em que construímos intencionalmente a nossa experiência. A linguagem e os modos de discurso surgem não da emergência para relatar a experiência, mas sim como espaço que permite a construção criativa da realidade (Gonçalves, 2000). A função criativa da linguagem possibilita a multiplicidade de representações da realidade assim como dos seus significados e é através destes que começamos a perceber o funcionamento dos indivíduos.

Gonçalves (2000) refere que o carácter significador da linguagem e do discurso resulta não só das palavras isoladas, mas da sua combinação na formação de uma matriz narrativa. Só assim é que o indivíduo se consegue distanciar da sua experiência e é capaz

de direcionar a construção do seu conhecimento para horizontes múltiplos de significação. Daí o autor afirmar que a linguagem funciona como um espaço proximal entre a experiência corporal e a reflexão cognitiva (2000).

Bruner (2002) defendeu a existência de dois modos de funcionamento cognitivo, dois modos de pensamento, em que cada um oferecia uma visão diferente de organização da experiência e de construção da realidade. O modo paradigmático ou lógico-matemático é um modo de pensar que procura explicar e prever os fenômenos com o intuito de encontrar verdades universais. Já o modo narrativo é um modo de pensar que procura por conexões particulares entre os eventos, através da construção de significados que o indivíduo faz sobre o mundo e sobre os seus comportamentos. O processo de contar ou narrar histórias é uma condição que nos distingue das demais espécies e formas de existência - a capacidade de narrarmos os dramas da nossa existência e através deles construirmos novas formas de significação (Gonçalves, 2000). Daí o estudo das narrativas ser apelativo para a Psicologia, uma vez que aposta nos discursos individuais como forma de conhecer o indivíduo, e pela sua função de compreender como o ser humano adquire, codifica, transmite e transforma o conhecimento sobre si e sobre o mundo (Russell & Van Den Broek, 1992).

Os estudos das abordagens narrativas tiveram o seu início nos trabalhos de Sarbin (1986), Polkinghorne (1988) e Bruner (1990), autores de algumas das definições mais comuns de narrativa.

Polkinghorne define narrativa como "uma estrutura de significados que organiza os acontecimentos e a ação humana numa totalidade, desde modo atribuindo significado às ações e acontecimentos individuais de acordo com o seu efeito na totalidade" (1988, pp. 18). O autor chama a atenção para o facto da narrativa: a) ser um meio através de que o ser humano se serve para construir significados; b) funcionar sobre um princípio gestáltico, por forma a conseguir conectar elementos aparentemente dispersos da experiência.

Sarbin (1986) acrescenta o conceito de temporalidade à narrativa como forma de lhe oferecer um sentido da sequencialidade e coerência, afirmando que esta é um relato simbólico das ações dos seres humanos e possui uma dimensão temporal. A história tem um princípio, um meio e um fim.

Bruner (1990 cit in Gonçalves, 2000) aponta para a função da narrativa e distingue quatro elementos centrais da mesma: sequencialidade, comunicação da subjetividade, originalidade e ambiguidade. Deste modo, as narrativas são formas do indivíduo expôr de

forma particular e subjetiva a sua experiência, organizando-a temporalmente, permitindo enfrentar situações de originalidade ou ambiguidade.

Gonçalves (2000) desenvolve sete aspectos fundamentais e definidores de uma narrativa: natureza analógica, natureza temporal, natureza contextual, natureza gestáltica, natureza significadora, natureza cultural e natureza criativa.

Pela sua natureza analógica, a narrativa não funciona como um relato, mas sim como um organizador de significados da experiência (Bruner, 1990), centrando-se na busca da plausibilidade e verosimilhança para a mesma. Deste modo, o ser humano não é dotado de uma racionalidade, mas de múltiplas racionalidades coexistentes, que prevêm a organização paralela do pensamento, assumindo que a narrativa e a experiência são indissociáveis. A natureza temporal da narrativa funciona como um elemento organizador que lhe transmite sequencialidade e estrutura temporal, fundamental para a significação da experiência. As narrativas possuem um princípio, um meio e um fim e cabe aos indivíduos estabelecer esta regulação sequencial que define os marcadores temporais das narrativas. A natureza contextual da narrativa centra-se na hipótese da experiência ser organizada histórica e culturalmente, sendo que a verdade narrativa se situa no contexto da mesma. A natureza gestáltica da narrativa diz respeito à organização da multiplicidade de estímulos sensoriais, conferindo uma coerência à experiência subjetiva. No fundo, organizar a diversidade da experiência numa totalidade significadora. A natureza significadora da narrativa permite ao sujeito, através da organização temporal, espacial e gestáltica, dar sentido e construir significados da sua experiência. A narrativa não funciona como um modo de encontrar significados, não os revela, funciona, antes, como forma de impôr um significado à experiência. A natureza cultural da narrativa demonstra que esta não é um ato mental individual, mas um processo de natureza interpessoal espelhado na produção discursiva. Como tal, as narrativas, tendo a sua natureza numa construção discursiva, não podem estar dissociadas do contexto cultural em que se situam. A natureza criativa da narrativa define-se pela intencionalidade e proatividade no momento de construção da própria existência.

Gonçalves (2000) ainda postula uma visão sobre a construção do conhecimento humano baseado nas formas idiossincráticas de significação que permitem a formulação de uma matriz narrativa. Do ponto de vista do autor, existem três dimensões centrais da matriz narrativa, indicadoras da organização dos significados que imprimimos nas histórias: a estrutura, o processo e o conteúdo. A estrutura narrativa diz respeito à construção de significados através da organização da diversidade do que foi vivido e é responsável pela

coerência. O processo narrativo relaciona-se com a produção estilística da narrativa, conferindo-lhe variedade e complexidade. O conteúdo está relacionado com a dimensão temática da narrativa, sendo responsável pela diversidade.

1.2. Desenvolvimento Narrativo

O crescente interesse da Psicologia pela compreensão do desenvolvimento típico da narrativa levou a que fossem exploradas questões acerca das capacidades e limitações esperadas em crianças de diferentes idades no que respeita à compreensão e produção narrativa. Exemplo disso foram os estudos das memórias autobiográficas que, sendo organizadas narrativamente, vieram a dar algumas respostas às questões supra citadas.

A memória autobiográfica é uma memória explícita de um acontecimento que ocorreu num lugar e tempo específicos do passado do indivíduo e a capacidade de o partilhar com os outros emerge gradualmente ao longo da idade pré-escolar (Nelson & Fivush, 2004). Baseia-se no pressuposto que são narrativas pessoais que requerem tanto a capacidade de contar experiências passadas como a capacidade de organizar essas experiências numa forma narrativa culturalmente convencionalizada (Haden, Haine & Fivush, 1997). Portanto, as memórias autobiográficas são interpessoais, pois são narrativas contadas aos outros de forma a que estes as compreendam.

A memória autobiográfica vai incluir memórias episódicas significativas que, a partir da adolescência, vão formar uma história de vida, organizada segundo um conhecimento mais abstrato do seu passado numa visão biográfica coerente (Habermas & Bluck, 2000). Num dos seus estudos, Nelson (1993) faz a distinção entre memória episódica e memória autobiográfica. A memória episódica refere-se a algo que aconteceu num lugar e tempo específicos, enquanto que a memória autobiográfica é específica, de longa duração e normalmente tem significado no sistema do *self*.

Assim que as crianças desenvolvem a linguagem, os pais começam a falar sobre eventos passados e futuros com elas. O discurso sobre o passado ou antecipação de eventos oferece suporte para a criança desenvolver o conceito temporal, necessário para a formação da memória autobiográfica (Nelson e Fivush, 2004). Howe (1998 cit in Fivush, 1998) argumenta que, apesar de importante, a linguagem não é suficiente para a formação da memória autobiográfica, esta também está dependente da aquisição do *self cognitivo*. Grande parte do que nós somos depende da nossa conceptualização do nosso passado (Bruner, 1986 cit in Fivush, 1991). As histórias que contamos de nós próprios, tanto para nós, como para os outros, assumem um papel importante na definição do nosso *self*. A

aquisição do self tem a sua importância na organização e recuperação de memórias passadas (Harley & Reese, 1999). De acordo com Howe e Courage (1993, cit in Harley & Reese, 1999), assim que a compreensão do self se torna mais complexa ao longo do tempo, mais recursos estão disponíveis para organizar eventos na memória.

Em contraste, outro grupo de teóricos focaram o papel da interação social na emergência do sistema da memória autobiográfica (Fivush and Reese, 1992; Nelson, 1993). Estas autoras propõe que é através das conversas sobre o passado com os pais ou outros adultos que as crianças aprendem tanto as formas de reportar o passado bem como as funções sociais que essas conversas permitem adquirir.

Esta ideia de que as narrativas pessoais foram influenciadas através das interações sociais é adaptada da teoria sócio-cultural do desenvolvimento, primeiro postulada por Vygotsky (1978). Segundo este autor, todas as competências sociais são adquiridas, num primeiro nível, na interação social e, num segundo nível, na internalização individual. Essencialmente, o adulto, socialmente mais competente, auxilia a criança, socialmente menos competente, a promover o seu discurso e a adquirir estrutura necessária para terminar a tarefa. No desenvolvimento desta investigação, importa referir que o adulto funciona como um andaime linguístico que auxilia a criança na sua construção narrativa e, conseqüentemente, na organização das suas experiências. Vários autores referem que as teorias em volta do andaime adulto-criança apontam para a hipótese do modo em como os pais e as crianças co-constroem as suas narrativas pessoais pode ser um contexto importante para a criança aprender e desenvolver formas de narração pessoal e o valor da atividade de contar histórias sobre si a outros (Haden et al, 1997).

Assim, o desenvolvimento da memória autobiográfica está relacionado com a capacidade de produção narrativa da criança, permitindo-lhe organizar as experiências vividas. E, uma vez, que as formas narrativas são produzidas pela cultura, orientadas pelos pais e internalizadas pela criança, vai permitir a recuperação das experiências passadas, nomeadamente, a sua recordação e relato. A criança internaliza, então, a forma narrativa de modo a utilizá-la como instrumento que vai servir de base na organização das suas experiências de vida, começando a conhecer-se a si mesma no contexto de uma cultura (Miller, 1994).

1.3. Co-construção de Narrativas

É através das conversas sobre o passado guiadas pelo adulto que a criança aprende a reconstruir a sua experiência. Ao relembrar o passado com o adulto, a criança desenvolve

novas formas de relatar o seu próprio passado (Fivush, Haden & Reese, 2006). Assim, a criança vai internalizar o modo como os outros contam e significam as suas experiências e, desta forma, para além de aprender a pensar acerca do seu passado, aprende também a pensar sobre si mesma.

Fivush e Reese (1997) evocando o modelo da interação social, postulam que as crianças gradualmente aprendem formas de falar acerca das suas memórias com outros e, conseqüentemente, aprendem a formular as suas memórias narrativas. Outros teóricos também se basearam neste modelo para desenvolver as suas teorias. Em particular, Ratner (1984 cit in Fivush et al, 2006) e Rogoff (1990, cit in Fivush et al, 2006) enunciam nas suas teorias a importância das conversas com as mães, que funcionam como um instrumento no desenvolvimento da capacidade da criança codificar ou recuperar informação. O primeiro autor observou que as crianças que exibem melhores capacidades de memória em tarefas de lembrar e reconhecer são aquelas cujas mães lhes colocam questões de memória nas conversas quotidianas. Já o segundo autor defendeu que mães que ajudam a organizar o material a ser lembrado, em tarefas de memória, têm crianças que, conseqüentemente, lembram mais por si próprias.

Voltando à teoria Vygotskiana, conclui-se que as conversas precoces acerca do passado são usualmente conduzidas pelos pais que, funcionando como um andaime, fornecem a maior parte do seu conteúdo e estrutura. O grau de elaboração do andaime linguístico parental vai predizer a quantidade e a complexidade do que a criança vai conseguir lembrar (Haden et al, 1997; Tessler & Nelson, 1994).

A co-narração adulto-criança acerca do passado não é o único contexto onde a criança pode elaborar as suas narrativas (Haden et al, 1997), existindo experiências com diversas formas de narrativas através do jogo ou de histórias que podem oferecer um modelo de organização de memórias episódicas (Nelson & Fivush, 2004). No entanto, as conversas sobre o passado com os principais cuidadores é um contexto privilegiado e é através desta prática que a criança aprende a falar sobre a sua experiência pessoal de forma socialmente válida pela comunidade e, simultaneamente, adquire um cariz mais coerente que ajuda na retenção de todo um episódio e não apenas fragmentos de cenas.

Ao participar neste tipo de conversas, a criança é confrontada com o facto da sua memória não ser a mesma que a dos outros. Sem a capacidade de discutir o passado com outros, esta compreensão não poderia ser possível (Fivush & Nelson, 2006). O facto destas conversas envolverem discordâncias e negociações acerca do ocorrido, as crianças aprendem que as memórias não são reproduções da realidade, mas sim representações

subjetivas, em que cada indivíduo relembra ou não aspetos específicos de um acontecimento (Fivush, Haden & Reese, 2006). Ou seja, a criança começa por perceber que cada indivíduo tem uma memória única do que aconteceu. Em conversa, adulto e criança não relembram simplesmente acerca de factos ocorridos, relembram também emoções da criança, da mãe, de outros, e, deste modo, a criança começa a avaliar e a interpretar o passado (Fivush et al, 2006).

Assim, através da participação neste tipo de negociações, a criança apercebe-se que a sua perspectiva do passado pode ser única, diferente das dos outros, o que pode facilitar o desenvolvimento da "teoria da mente" (Fivush et al, 2006), possibilitando uma maior compreensão de si e do outro.

1.3.1. Impacto da co-construção

Investigações têm demonstrado que a experiência da co-narração com os pais e outros adultos significativos influenciam a maneira como as crianças vêm as suas experiências e, posteriormente, as narram.

Um estudo de Tessler e Nelson (1994) foi realizado no sentido de solicitar à criança que recordasse a visita a um museu, tendo sido acompanhada pela mãe. As autoras verificaram que, uma semana mais tarde, os aspetos referidos só pela mãe ou só pela criança não foram recordados, apenas os aspetos que tinham sido alvo de conversa entre as duas é que haviam sido referidos. Este estudo alerta para a importância da interação da criança com um adulto significativo, neste caso a mãe, salientando que apenas o produto da interação permitiu aumentar a compreensão da experiência, bem como a sua recordação.

Como já foi referido, o discurso da mãe ou de um adulto significativo ajuda a criança a moldar as suas experiências, tendo um forte impacto no modo como a criança se lembra do seu passado. As crianças ao participarem em interações precoces, principalmente com os principais prestadores de cuidados, e sendo estas caracterizadas pelo uso de narrativas mais coerentes e complexas, mais rapidamente aprendem a falar sobre o passado e adquirem competências narrativas semelhantes às adquiridas nas conversas (Fivush, 1991; Haden et al, 1997). Outras investigações demonstram que os adultos ao intervir na narrativa da criança com perguntas como *Qual?*, *Quem?*, *Quando?*, *Como?*, *Porquê?*, solicitando informação que a criança não dá espontaneamente, ensinam e focam a informação que é importante (Eisenberg, 1985; Haden et al, 1997; Miller & Sperry, 1988). Assim, à medida que vai interagindo com o adulto, a criança vai

internalizando gradualmente as orientações do mesmo, não havendo necessidade de as providenciar posteriormente.

A presença de um interlocutor significativo para a criança também se torna essencial no momento desta recordar situações passadas, ou seja, criar um ambiente propício para que a criança se sinta segura a partilhar as suas experiências. Mesmo acontecimentos stressantes são mais facilmente partilhados com pessoas com quem a criança mantém uma relação de proximidade e afeto. Um ambiente seguro permite à criança a formulação de narrativas mais complexas e coerentes que, por sua vez, proporcionam uma organização mais complexa das experiências emocionais (Pennebaker, 1993). Este autor faz-nos ver que a partilha de narrativas significativas e eventualmente perturbadoras, no seio de relações afetivas e de segurança, podem vir a ter funções reguladoras da emoção.

1.3.2. Estilos parentais na elaboração nas narrativas

Nem todos os adultos falam com os seus filhos sobre o passado nos mesmos moldes estruturais. Já são vários os estudos que distinguem o estilo conversacional das mães quando estas falam com os seus filhos sobre o passado (Engel, 1986; Fivush & Fromhoff, 1988).

Investigadores que trabalham na área das memórias autobiográficas descobriram que as mães tendem a ter dois estilos distintos quando discutem sobre o passado com os seus filhos: mães elaborativas e mães repetitivas (Fivush & Fromhoff, 1988; Resse & Fivush, 1993). Mães elaborativas tendem a fornecer detalhes consideráveis acerca do evento em questão e tendem a perguntar aos filhos questões abertas acerca das suas experiências passadas. Em contraste, mães repetitivas ou pragmáticas tendem a oferecer pouco suporte ou detalhes quando discutem o passado e tendem a questionar uma série de questões fechadas.

Estes resultados revelam que as mães que desenvolvem um estilo narrativo elaborado com as crianças sobre as suas experiências favorecem a recordação posterior de mais informação, uma vez que, ao questionarem a criança, estas mães dão-lhes a oportunidade de recordar a informação. Simultaneamente, as conversas com a criança num estilo elaborado facilitam a criação da memória autobiográfica, não pela repetição da experiência, mas pela possibilidade da criança internalizar formas de narrativa e de recordação desses eventos.

Reese, Haden e Fivush (1993) documentaram que o estilo maternal é consistente ao longo do tempo, pois mães mais elaborativas continuavam a fornecer informação adicional acerca de um evento passado, mesmo quando as crianças se mostravam incapazes de recordar qualquer informação. Fivush e Peterson (2003) ainda postularam que as mães parecem ser mais elaborativas quando discutem eventos negativos comparativamente a eventos positivos. Mais especificamente, as mães fazem questões abertas e elaborativas quando discutem experiências negativas, exigindo que a criança forneça informação, no entanto, fazem mais questões fechadas elaborativas quando discutem experiências positivas, exigindo que a criança apenas confirme.

1.3.3. Estilos de interação

Bohanek, Marin, Fivush e Duke (2006) desenvolveram um estudo cujo objetivo foi examinar a relação entre os estilos de interação na narrativa no momento do desenvolvimento do *self* da criança. Assim, para a cotação das narrativas, os autores desenvolveram cinco dimensões globais entre as quais os estilos individuais de interação na narrativas podiam variar: colaborativa, centrada da criança, paralela, facilitada-moderada e desarmoniosa.

O estilo colaborativo espelha-se nas narrativas em que cada membro adiciona pedaços de informação à história e esta vai sendo contada por todos os membros em simultâneo, como se fossem só um. O estilo centrado na criança refere-se às narrativas em que os pais tentam descobrir informação da criança através de questões principais, instigando e dando-lhe sugestões. O estilo paralelo diz respeito às situações em que os membros da família contam a narrativa por turnos, contando cada um o seu ponto de vista. O estilo facilitado-moderado surge quando a conversa é moderada e facilitada principalmente por um dos pais. Por fim, o estilo desarmonioso está relacionado com situações em que os membros da família parecem estar desconectados e não partilham a compreensão de um evento.

1.3.4. Padrões de comunicação

Existe um largo repertório de investigações focadas nos padrões de comunicação, onde se apontam as conexões de determinados padrões de comunicação associados ao desenvolvimento do *self* na criança. Como exemplo, pais que ajudam os seus filhos a identificar e lidar com as suas emoções têm crianças com menos problemas de interação com pares e comportamentais, e que melhor regulam as suas emoções (Gottman, 2001;

Hooven, Gottman & Katz, 1995 cit in Bohanek, Marin, Fivush & Duke, 2006). Assim, um estilo comunicativo mais aberto, em contraste a um estilo mais controlador, alimenta uma relação afetiva entre pais e filhos, contribuindo para uma visão positiva do *self*, autoestima mais alta e um maior sentimento de auto-eficácia na criança (Bohanek et al, 2006).

Por um lado, parece que um estilo de comunicação mais controlador e que ofereça menos suporte não permite que as opiniões e as percepções da criança sejam conhecidas, fazendo com que a criança questione o seu valor enquanto pessoa. Por outro, a comunicação parental que claramente valida as percepções e os sentimentos da criança permite que esta crie um valor associado ao *self* individual, sentimentos de autonomia e auto-eficácia.

Findo o capítulo das narrativas, aborda-se em seguida a temática da adoção, focando essencialmente o processo de comunicação sobre a adoção e as suas implicações na vida da família adotiva, não se tendo encontrado estudos no âmbito dos que acabamos de escrever com população de crianças que foram adotadas.

2. Adoção

2.1. A Família adotiva

As famílias adotivas caracterizam-se pelo processo de acolherem no seu seio crianças e adolescentes com os quais não partilham laços biológicos, mas aos quais no entanto estão ligados por vínculos afetivos e legais (Alarcão, 2006).

É neste sentido que a família adotiva surge, tendo aparecido como uma nova forma de família, e é considerada por Palacios (2007) o caminho através do qual se ganha uma nova família, depois de, por algum motivo, se terem perdido os laços biológicos. De facto, esta é uma maneira de proporcionar um ambiente seguro, com o propósito de se prestar cuidados individualizados adequados e satisfatórios às crianças cujos pais biológicos não tiveram oportunidade de o fazer (Mascarenhas e Alarcão, 2003).

Ainda que a família adotiva se enquadre num contexto não convencional, as suas tarefas desenvolvimentais vão ser semelhantes às vividas nas famílias biológicas. Efetivamente, tal como refere Brodzinsky (1990), em cada uma das etapas do ciclo vital, a família adotiva será confrontada com temáticas relacionadas com a adoção, que interagem e complexificam o modo como os seus membros lidam e resolvem as tarefas mais universais da vida familiar.

Para Palacios (1998), uma das primeiras tarefas da família adotiva é a formação do sentimento de pertença. O autor ainda refere que enquanto que este sentimento nas famílias

biológicas é inquestionável, porque têm a relação de sangue, nas famílias adotivas não é tão imediato, uma vez que estas foram construídas de uma forma não convencional e, por isso, será necessário um trabalho adicional para a formação de uma vinculação segura e, por conseguinte, do sentimento de pertença. Este sentimento pode ser mais complicado de formar em crianças que sejam adotadas numa idade mais tardia. Daí, muitas vezes, a criança manifestar comportamentos complicados que desafiam os limites dos adultos, pois tendo tido uma experiência passada adversa é natural que desconfiem dos novos pais. É por isso que Palacios (1998) enaltece a importância dos pais manterem claras as suas ideias, atitudes e afetos, ao mesmo tempo que vêm estes comportamentos como naturais.

A forma como as famílias adotivas lidam com estas tarefas será muito diversa e influenciada por fatores como a motivação que levou à adoção, as características de quem é adotado (idade, problemas de comportamento, entre outros), dinâmica das relações que se estabelecem, o apoio social e profissional bem como as práticas educativas implementadas (Palacios, 1998).

Pode então considerar-se que existem desafios inerentes à parentalidade adotiva, nomeadamente: os sentimento de perda dos próprios pais e filhos, a construção do sentimento de pertença à família, o processo de comunicação acerca da adoção, o suporte da curiosidade da criança relativa à sua família biológica e, nalguns casos, perto do final da adolescência, o lidar com os seus planos de procura da mesma (Brodzinsky, Lang & Smith, 1995; Mascarenhas e Alarcão, 2003; Palacios, 1998). Os próximos pontos irão centrar-se principalmente no processo de comunicação sobre a adoção.

2.2. Processo de comunicação sobre da adoção

O processo de comunicação sobre a adoção está presente em todas as etapas do ciclo vital, sendo que este se caracteriza por um processo contínuo e gradual que vai sendo desenvolvido ao longo do tempo.

Alguns autores mostram nas suas investigações que o processo de comunicação sobre a adoção é considerado um problema para os pais adotivos (Palacios & Sandoval, 2005), pois é uma tarefa exclusiva e especial deste tipo de famílias (Smith, 1997).

Durante grande parte do século, os métodos de fertilidade, que hoje em dia estão avançados no sentido de assistir a reprodução, ainda estavam por desenvolver, e como as expectativas da sociedade na altura era que os pais criassem filhos biológicos, a adoção era geralmente mantida em segredo (Ge, Natsuaki, Martin, Leve, Neiderhiser, Shaw, Villareal, Scaramella, Reid & Reiss, 2008). Esta conceção de uma adoção mais fechada foi pensada

para assegurar os direitos de privacidade dos pais biológicos e para proteger as três partes da tríade: pais biológicos, pais adotivos e criança (Brussiere, 1998 cit in Ge et al, 2008).

Mais recentemente tem-se vindo a assistir a uma alteração desta tendência, onde já se verifica a comunicação à criança da sua condição e da sua história, que não se deve concentrar numa "revelação" única, mas sim na criação de um diálogo entre os pais adotivos e a criança, que vai sendo desenvolvido e gradual à medida da maturação cognitiva da criança (Brodzinsky, Singer & Braff, 1984). Pode ir-se orientando o diálogo de acordo com a compreensão do conceito de adoção por parte da criança e o desenvolvimento dos seus constructos acerca do mundo físico (Piaget, 1970, in Brodzinsky et al., 1984) e também acerca do mundo social (Chander, 1977; Daman, 1977, in Brodzinsky et al., 1984).

As teorias da comunicação acerca da adoção surgem com os trabalhos de Kirk (1964, in Palacios, 1998) que, num dos seus primeiros estudos, identificou uma dimensão linear sobre as perceções das famílias adotivas que nomeou como "aceitação-rejeição das diferenças". Estas relacionam-se com as atitudes de aceitação ou rejeição das diferenças assumidas pelas famílias adotivas em relação às convencionais que, mais tarde, se iriam refletir no modo como a parentalidade é vivida, mais especificamente, nos modos de comunicação sobre a adoção.

Quando existe uma rejeição das diferenças a família adotiva tenta aproximar-se ao máximo de uma família convencional, e são feitos esforços para ignorar a situação adotiva, tanto no quotidiano como na relação com a criança adotada e nas relações sociais (Kirk, 1964, in Palacios, 1998). Está, então, associado a uma atmosfera pouco disposta a fazer frente aos desafios específicos da parentalidade adotiva, incluindo uma comunicação pouco aberta sobre a adoção. Já o modelo de aceitação das diferenças relaciona-se com o reconhecimento do carácter especial das características das famílias adotivas: a aceitação de que a sua família pode ser distinta das outras em relação a alguns aspectos permite a criação de um clima de compreensão e de expressão de sentimentos em relação à adoção (Kirk, 1964, in Palacios, 1998).

A propósito desta teoria de Kirk, Brodzinsky (1990) assinalou que a relação entre o tipo de perceção e o ajustamento nem sempre é assim tão linear. De acordo com o autor, pelo facto de existirem transformações ao longo do ciclo vital, nalguns momentos os pais adotivos poderão negar as diferenças entre a sua família e as famílias convencionais e noutros poderão aceitá-las.

Kirk (1964, cit in Palacios, 1998) sublinhou a importância do conhecimento das diferenças entre a vida familiar das famílias adotivas e das famílias biológicas, assim como a necessidade de uma comunicação aberta e a empatia entre os membros da família adotiva. É no seguimento das investigações deste autor que surge o conceito de "abertura", que envolve a comunicação contínua relativa aos assuntos e questões associadas à adoção (Wrobel, Kohler, Grotevant & McRoy, 2003).

Portanto, torna-se importante fazer a distinção entre "adoção aberta" e "abertura na adoção". "Adoção aberta" envolve a partilha de informações sobre a criança entre a família adotiva e a família biológica, bem como poderá incluir contacto direto entre as partes, podendo envolver ou não a criança (Brodzinsky, 2005). Neil (2009) afirma que os encontros diretos tendem a criar ansiedades essencialmente em duas das partes: para a criança, que se poderá sentir confusa e a sua integração na nova família poderá estar comprometida; para os pais adotivos, que vêm posto em causa o seu sentido de "entitlement". Em contraste, outra teoria argumenta que quanto maior for a prática da "adoção aberta", menor vai ser a ansiedade e a insegurança dos pais adotivos, e para a criança vai ser menor o sentimento de perda e rejeição, havendo uma compreensão e uma visão mais empática da família biológica (Brodzinsky, 2005).

Já a "abertura na adoção" é um termo que se refere "a um estado da mente e coração" (Gritter, 1997 cit in Brodzinsky, 2005), e geralmente reflete atitudes, crenças, expectativas, emoções e comportamentos em relação à adoção. Para além disso, inclui a capacidade de partilha acerca dos significados da adoção com outros, exploração de questões relacionadas com a adoção na vida familiar, a capacidade da criança partilhar os seus sentimentos e a empatia dos pais relativa a esses sentimentos (Brodzinsky, 2005).

A abertura para além de estar relacionada com a criação de um diálogo aberto e honesto, isto é, a troca de informações sobre a adoção, também não se pode desprender da experiência afetiva e emocional que lhe é inerente (Brodzinsky, 2005). Assim, uma atitude empática e compreensiva por parte dos pais em relação às necessidades da criança está associada a um desenvolvimento de uma comunicação saudável, e poderá criar um espaço para que a criança exponha as suas curiosidades e desejos de conhecer o seu passado (Wrobel, et al., 2003), e lhe permita questionar num ambiente seguro.

O grau de abertura na comunicação sobre a adoção entre pais e filhos é determinada por diversos fatores, nomeadamente, a quantidade de informação que os pais adotivos têm sobre o passado da criança; a opinião dos pais adotivos acerca da família biológica; o estágio desenvolvimental da criança; o grau de contacto entre a família adotiva e biológica;

e as características individuais dos pais adotivos e da criança (Hawkins, Beckett, Rutter, Castle, Groothues, Kreppner, Stevens & Sonuga-Barke, 2008). O grau de abertura também vai depender de um clima de partilha entre todos os membros da família adotiva, suspendendo algumas barreiras, pois os pais adotivos ao fornecerem informação acerca dos pais biológicos à criança criam um clima onde esta se pode sentir à vontade para satisfazer as suas curiosidades (Wrobel, Kohler, Grotevant & McRoy, 1998).

Wrobel e colaboradores (2003) desenvolveram um modelo teórico para explicar a evolução do processo de comunicação acerca da adoção (FAC). Este modelo para além de descrever os processos dinâmicos inerentes à comunicação sobre a adoção, também considera as necessidades desenvolvimentais da criança no sentido de explicar as discrepâncias nas perceções da abertura entre os vários membros da família. Ainda de acordo com este modelo, os autores definiram três fases distintas sobre a comunicação da adoção nas famílias: (1) *História da adoção*, em que os pais estão no controlo e revelam à criança que é adotada, sem que esta tenha solicitado informação; (2) *Questões da criança*, que consiste nos pais providenciarem informações à criança, satisfazendo todas as suas curiosidades ao responder às suas questões; (3) *Procura de informação*, que surge quando a criança já assume o controlo e procura a sua própria informação.

O próximo ponto centra-se no momento em que os pais revelam aos filhos que são adotados, que por se posicionar como um aspeto essencial dentro do processo de comunicação sobre a adoção merece uma maior atenção relativamente ao seu impacto na vida da criança.

2.3. O momento da revelação

Numa família adotiva tradicional em que predomina a confidencialidade a criança tem uma perspetiva fantasiosa dos pais biológicos. Só quando os pais adotivos falam sobre os pais biológicos, a criança começa a imaginar como é que eles são, como se parecem, porquê que decidiram fazer isto, etc (Smith, 1997).

Desde que a abertura na comunicação sobre a adoção começou a ser valorizada, o processo de revelação enveredou por diferentes caminhos. Isto inclui não só o processo a razão pela qual a criança foi retirada da família biológica, como também o modo como os pais adotivos se vão referir ao facto (Smith, 1997).

O momento de revelação nas famílias adotivas constitui quase sempre um momento de grande ansiedade para os pais adotivos. Não só por parte dos pais adotivos, mas também pelos técnicos, existe uma grande preocupação pois as crianças adotadas são mais vezes

referenciadas a serviços de psiquiatria do que as outras crianças, com maior risco de problemas emocionais advindos de aspetos especiais da situação relacional estabelecida na família (McRoy, Grotevant, Lopez & Futura, 1990).

Normalmente, os pais não estão preparados para esta situação (DiGulio, 1987; Kirk, 1964, in McRoy et al., 1990), e pelo facto de não existir a partilha de laços biológicos, é esperado que eles revelem às crianças que são adotadas no sentido de ajudá-las a perceber as implicações pessoais e sociais (McRoy et al, 1990).

Segundo Macintyre (1990), devem ser os pais que pró-activamente contam à criança acerca da adoção antes desta perguntar. Esta, sendo uma tarefa que é exclusiva e especial das famílias adotivas, pode representar um problema quando os pais não têm bem assente a perceção e o sentimento de serem pais (Smith, 1997). Quer-se com isto dizer que se os pais adotivos ainda não desenvolveram o sentimento de serem pais e estão desconfortáveis com o momento de revelação à criança acerca das suas origens, a criança vai responder mais à ansiedade dos pais do que ao seu conteúdo da conversa. Nas situações em que os pais pró-activamente contam à criança acerca da adoção frequentemente colocam algumas questões: se devem contar, quando contar, como contar, que reações a criança terá,... (Macintyre, 1990).

Atualmente as agências de adoção agilizam formações para pais adotivos, onde instruem a contar à criança num período precoce do desenvolvimento - infância ou idade pré-escolar (Macintyre, 1990). Wieder (1977) desafiou esta perspetiva, argumentando que contar à criança demasiado cedo pode ser traumático e disruptivo para o desenvolvimento da personalidade.

Chess (1986) cita que o facto da adoção deve ser contado à criança assim que esta adquire competências para compreender o conceito de adoção. A maior parte dos autores concorda que não deve ser um momento único, mas sim uma conversa ao longo do tempo. No entanto, ainda não existe consenso em relação à idade da primeira revelação.

Crianças em idade inferior a 6 anos parecem ter uma pequena compreensão real do que significa ser adotado, no entanto crianças entre os 8 e 11 anos geralmente demonstram uma crescente sensibilidade e apreciação das implicações da adoção. Muitas primeiras reações são confrontadas com o efeito surpresa e cria-se um sentimento de não pertença e rejeição. No entanto, uma criança em idade escolar à partida é capaz de compreender estas notícias e integrá-las de forma adaptada no desenvolvimento da sua personalidade (McRoy et al, 1990).

No seu estudo, McRoy e seus colaboradores (1990), concluíram que 34% de 50 jovens, com idades compreendidas entre os 11 e os 18 anos, ficaram perturbados depois de saberem sobre a sua condição da adoção. Muitos até experienciaram confusão, raiva, descrença ou sentimento de rejeição e embaraço.

Ainda assim, muitos dos especialistas da adoção recomendam que este momento deve ser realizado antes dos 5 anos de idade. As razões que levam a que a revelação seja numa idade precoce, durante os anos pré-escolares, são várias e incluem o desejo de estabelecer uma relação de confiança com a criança; o desejo de revelar informação sobre a adoção num ambiente familiar caloroso, afetuoso e protetor; o desejo de facilitar um sentido de confiança e autoimagem positiva da criança; e o desejo de providenciar à criança pelo menos uma compreensão básica do seu status familiar singular (Brodzinsky et al, 1984).

2.4. Compreensão da adoção - o seu significado e implicações

Outro elemento importante no processo da comunicação é a necessidade de se combinar o conteúdo fornecido à criança consoante a sua maturação cognitiva. A presente literatura oferece um apoio muito rudimentar no que concerne a guiões de ação para pais adotivos e, como tal, criam-se incertezas e confusões acerca de que informação e explicações dar em momentos específicos, sempre com o receio da interpretação da informação pela criança (Brodzinsky et al, 1984).

Brodzinsky (1987) adotou o modelo psicossocial de Erikson para refletir acerca das tarefas desenvolvimentais especiais das crianças adotadas. Este sugere que a compreensão acerca da adoção por parte da criança é um processo de construção que apenas atinge a maturidade no período da adolescência. Para que a criança desenvolva um conceito maduro acerca do significado de adoção, os pais adotivos devem começar a falar desde cedo e prolongar esta comunicação ao longo do seu desenvolvimento.

Em idade pré-escolar, momento em que a tarefa desenvolvimental é a procura de autonomia e iniciativa, é também o momento em que geralmente é contada à criança a sua situação adotiva (McRoy et al, 1990). Brodzinsky (2011) refere que é entre os 3 e os 5 anos que a criança aprende gradualmente partes da sua história adotiva e frequentemente se rotulam de adotados, conseguindo identificar que nasceram num seio diferente do que aquele em que estão a ser criados. O autor argumenta ainda que é nesta idade as crianças aprendem a "linguagem da adoção", em que aprendem a falar sobre ser adotado, sem

realmente perceber o que isto significa, ou seja, a capacidade das crianças em idade pré-escolar de compreender o significado e as implicações da adoção é ainda muito limitado.

O estudo de Brodzinsky, Singer e Braff (1984) sugere que apenas aos 6 anos as crianças começam a diferenciar entre pais biológicos e pais adotivos como forma alternativa à parentalidade, assim que se apercebem da permanência da relação adotiva.

Já em idade escolar, entre os 6 e os 12 anos, quando a tarefa desenvolvimental se refere à indústria e à aquisição de competências, a criança já parece ter sido capaz de adquirir um conceito mais maduro de adoção (McRoy et al., 1990). Nesta idade, crianças adotadas são cognitivamente capazes de perceber inteiramente as razões que levaram os pais biológicos a abandoná-los. Berman e Buffered (1986, in McRoy et al., 1990) sugerem que nesta etapa as crianças podem vir a sentir raiva dos pais biológicos, depressão e culpa associada à perda dos seus pais biológicos e tendem a sentir medo da rejeição por parte dos pais adotivos.

É entre os 6 e os 8 anos que as crianças começam a perceber o significado das conexões biológicas entre os membros da família (Newman, Roberts & Syre, 1993 cit in Brodzinsky, 2011). Esta idade está associada a uma emergência do sentido lógico que leva a criança a perceber que ter ganho uma nova família significa que se separou de outra (Brodzinsky, 2011), havendo um sentimento de perda associado e aumento das dificuldades durante este período (Brodzinsky, Smith & Brodzinsky, 1998). Nesta idade existem muitas mudanças ao nível do desenvolvimento cognitivo e sócio-emocional que vão ter implicações na compreensão e ajustamento na adoção (Brodzinsky & Pinderhughes, 2002). A sua capacidade de resolução de problemas torna-se mais sofisticada, principalmente na perceção de que os pais biológicos tinham outras opções para além de colocar os bebés para adoção (Brodzinsky, 2011), o que pode levar a um sentimento de rejeição.

De facto, até chegar à adolescência a criança não reconhece que a adoção envolve uma transferência legal dos direitos e responsabilidades parentais dos pais biológicos para os pais adotivos (Brodzinsky et al, 1984). A adolescência é um período em que o jovem procura estabilidade e integração da identidade (McRoy et al., 1990). Isto ocorre simultaneamente com a procura de informações que interliguem a presente auto-percepção com as "auto-percepções de períodos passados e com a sua herança cultural e biológica" (Brodzinsky, 1987, p. 27). Existem dificuldades presenciadas nesta etapa, pois nem sempre existem informações suficientes do passado para começar a desenvolver um estável entendimento de quem realmente são. Forma-se então um conhecimento incompleto de

quem são e quais as razões pelas quais foram abandonados e como são os pais biológicos e a situação agrava-se não pela perda dos pais biológicos, mas pela perda de uma parte deles próprios (McRoy et al, 1990).

Na adolescência, com o desenvolvimento do pensamento abstrato, a capacidade da compreensão do significado e implicações da adoção torna-se mais profunda (Brodzinsky, 2011). O facto de nesta idade ser possível a compreensão da permanência legal interligada à adoção (Brodzinsky et al, 1984), leva à redução daquela ansiedade e preocupação de que os pais biológicos possam vir a reclamá-los. Brodzinsky (2011) refere, ainda, a criação da conceptualização da adoção como uma perspetiva sociológica, com implicações positivas e negativas. Por um lado, os adolescentes começam a reconhecer o papel da adoção como um sistema do serviço social gerado para melhorar a vida de muitas crianças. Por outro lado, começam a ter uma crescente consciência de que as pessoas à volta vêm a adoção como a segunda melhor escolha no caminho para a parentalidade.

De seguida, passamos para o estudo empírico que vai abordar questões relacionadas com a abertura da comunicação em geral e abertura da comunicação sobre o passado em famílias por adoção e em famílias biológicas e quais os seus impactos ao nível dos hábitos narrativos e ao nível do perfil de personalidade das mães.

II. Estudo Empírico

1. Objetivos

Tendo em conta a complexidade do processo de comunicação nas famílias e a diversidade de fatores que o influenciam, bem como, a dificuldade acrescida transportada por aspetos específicos da formação de famílias não convencionais, nomeadamente, a abertura da comunicação sobre um passado anterior à chegada à família, interessou-nos explorar a compreensão deste processo no contexto da díade mãe-criança. Com uma tarefa narrativa de contar a história de vida da criança, procuraremos compreender os processos de significação em relação a este passado na perspetiva da mãe e da criança em conjunto e, posteriormente, na perspetiva da mãe.

A investigação a seguir apresentada centra-se no interesse em compreender melhor as questões sobre o processo de comunicação acerca da adoção e do passado da criança prévio à adoção, em família com filhos por adoção.

Mais especificamente o estudo procura: explorar a associação entre a abertura da comunicação sobre a adoção e o passado da criança com a abertura da comunicação em

geral na família, com variáveis de personalidade da mãe e com os hábitos narrativos desenvolvidos na família; compreender a especificidade do processo de comunicação nas famílias por adoção por contraste com outras famílias sem filhos por adoção.

Para além destes objectivos, o estudo teve também outros objectivos de natureza mais metodológica e exploratória. Nomeadamente, explorar a associação de conceitos que não têm sido cruzados até ao momento e abordar a questão da abertura sobre o passado da criança e a adoção não apenas através de percepções dos próprios mas, também, da utilização ativa da informação sobre o passado na procura de significados sobre a vida da criança e na emergência ou não desse tema numa conversaçã mãe-filho/a diretamente observada. Assim, o estudo pretende analisar o tema da abertura da comunicação sobre a adoção e o passado da criança saindo da barreira das percepções das partes envolvidas sobre o tema; isto é, em vez de recorrer à percepção das crianças acerca da própria abertura ou ter as percepções da mãe como fonte única de informação, procurou-se ir perceber a abertura da comunicação no contexto das narrativas. A inexistência de outros estudos utilizando esta abordagem implicou criar uma tarefa em que se torne observável a comunicação entre mãe e criança acerca do passado da criança, a qual constitui, em si mesma, um outro objetivo do presente estudo; procurou-se ainda explorar em que medida a mãe se apropria do tema do passado da criança prévio à adoção, através da produção de uma heteronarrativa de vida (ou seja, da construção de uma biografia da criança).

Em síntese, foram definidos para este estudo quatro objetivos centrais, de acordo com os quais serão analisados os resultados: (1) explorar a relação entre a abertura da comunicação em geral na relação mãe-filho e a abertura da comunicação em relação a acontecimentos relacionados com a adoção e com o passado da criança, e para as mães biológicas, relacionados com acontecimentos críticos; (2) analisar a associação entre a abertura da comunicação em geral nas famílias e a comunicação sobre a adoção/ou acontecimentos críticos com os hábitos narrativos da família e o perfil de personalidade da mãe; (3) explorar a abertura da comunicação sobre o passado da criança e a adoção através de um segundo método, mais especificamente, criando uma situações de observação e construção de uma narrativa de vida da criança; (4) explorar a interação na díade mãe-criança na construção da narrativa de vida da criança (Tillman, Negele & Mayer, 2010).

2. Método

2.1. Participantes

Os participantes deste estudo constituem uma amostra a que se chegou por um processo de “bola de neve”, uma vez que os primeiros participantes foram consultados através da base de dados da Bem-Me-Queres e, por sua vez, indicaram famílias com o mesmo perfil, tendo como critérios, para as famílias adotivas: a) crianças com idades compreendidas entre os 8 e os 13 anos e b) que estivessem com a família por adoção há pelo menos 12 meses; e para as famílias biológicas apenas que a idade da criança estivesse compreendida entre os 8 e os 13 anos. O critério do limite da idade da criança relaciona-se com o tipo de tarefas exigidas nos instrumentos de avaliação, os quais requerem alguma maturidade na capacidade de compreensão e expressão verbal. Por sua vez, o segundo critério das famílias adotivas prende-se com a necessidade de atribuir à família tempo suficiente que lhe permita ter encontrado algum equilíbrio familiar após a integração da criança.

Esta investigação delineou inicialmente para amostra 20 famílias, no entanto, devido a alguns constrangimentos, apenas participaram neste estudo 18 famílias, entre as quais, 8 famílias por adoção e 10 biológicas, residentes no distrito do Porto.

As 18 famílias são compostas por crianças com idades compreendidas entre os 8 e os 13 anos ($M=10,78$; $DP=1,48$), sendo que 10 crianças são do sexo masculino (55,6%) e 8 do sexo feminino.

No que se refere ao ano de escolaridade, 1 criança frequenta o 2º ano (5,6%), 2 crianças frequentam o 3º ano (11,1%), 1 criança frequenta o 4º ano (5,6%), 6 crianças frequentam o 5º ano (33,3%), 3 crianças frequentam o 6º ano (16,7%), 3 crianças frequentam o 7º ano (16,7%) e 2 crianças frequentam o 8º ano (11,1%). Relativamente ao número de reprovações, 15 crianças nunca reprovaram (83,3%) e 3 crianças reprovaram uma vez (16,7%).

Quanto às crianças adotivas, a média da idade de adoção é de 4,75 anos ($DP=2,38$), variando entre os 0 e os 7 anos. Já a média do tempo de permanência na família adotiva é de 6 anos ($DP=1,20$), variando entre os 4 e os 8 anos.

No que concerne às figuras maternas, as idades são compreendidas entre os 32 e os 47 anos ($M=43,00$; $DP=3,74$). Relativamente aos anos de escolaridade, as mães apresentam uma média de 15,56 anos ($DP=2,38$), variando entre 9 e 19 anos. Quanto à atividade profissional que as mesmas desempenham, 6 são Bancárias (33,3%), 3 são Professoras (16,7%), 1 Arquiteta (5,6%), 1 Assistente técnica (5,6%), 1 Empregada de escritório (5,6%), 1 Gestora de produto (5,6%), 1 Inspetora da Segurança Social (5,6%), 1 Psicóloga (5,6%), 1 Técnica Oficial de Contas (5,6%) e duas não referiram (11,1%).

2.2. Instrumentos

No que concerne aos instrumentos utilizados nesta investigação, a cada família foi aplicada uma Ficha de Identificação, duas Tarefas Narrativas Co-Construídas entre a mãe e a criança, uma Entrevista semi-estruturada, um Questionário CUIDA e um Questionário dos Hábitos Narrativos.

2.2.1. Ficha de Identificação

Documento a ser preenchido pelo investigador num contexto de entrevista estruturada a fim de serem recolhidos dados sociodemográficos e caracterizadores da criança.

2.2.2. Tarefas Narrativas Co-construídas pela mãe e criança

Nesta fase foram utilizadas duas tarefas: a) uma narrativa de ficção, onde foi solicitado à mãe e à criança para contarem uma história em conjunto, com apoio do livro "Frog, where are you?". Para esta investigação, esta tarefa tinha apenas a função de quebra-gelo da interação mãe-criança; b) uma narrativa co-partilhada entre a mãe e a criança, adaptada de Tillman, Negele e Mayer (2010), onde foi solicitado à mãe e à criança que contassem a história de vida da criança em conjunto. Desta última tarefa dialógica, pretende-se apurar tanto os conteúdos que são descritos pela díade, e de que forma estes são desenvolvidos, como as diferentes formas de interação ao longo da realização da tarefa.

2.2.3. Entrevista semi-estruturada

A Entrevista semi-estruturada foi desenhada e baseada na *Entrevista para pais adotivos* (Henriques & Ramalho, 2003) e *Entrevista com os pais sobre o impacto do PPCA* (Henriques, Domingues e Nicolas, 2012). Foram realizadas duas versões, uma para mães adotivas, outra para mães biológicas. Ambas as versões são compostas por duas partes iguais, onde são realizadas questões sobre a comunicação acerca do quotidiano da criança e onde é solicitado às mães que realizem uma hetero-biografia, narrando a história de vida dos seus filhos. Posteriormente, a entrevista é conduzida para questões sobre a comunicação acerca do passado da criança, em que, às mães por adoção é questionado acerca da comunicação sobre a adoção e sobre as vivências da criança antes de chegar à família adotiva; às mães biológicas, as questões centram-se sobre acontecimentos críticos ou que tenham sido alvo de preocupação no passado da criança, como por exemplo, doenças da própria criança ou de familiares, falecimentos, eventual divórcio.

Desta entrevista, pretende-se apurar essencialmente duas dimensões:

a) A Abertura da Comunicação em Geral, cotada através das subdimensões relativas à existência de conversas sobre a escola, iniciativa própria da criança contar os seus problemas, iniciativa da mãe questionar a criança quando sente que esta está mais triste, conversas sobre histórias familiares, tomada de decisões em conjunto com a criança, conversa com a criança sobre histórias familiares e conversa com a criança sobre problemas do quotidiano da mãe.

b) A Abertura da Comunicação sobre o Passado na família nuclear, na família alargada e na comunidade, que engloba as subdimensões relativas à existência de questões acerca de um acontecimento crítico ou acerca da adoção, perguntas sobre a família biológica, grau de dificuldade da mãe em responder às perguntas da criança, grau de aceitação das respostas pela criança, grau de satisfação da mãe em relação às conversas sobre o passado, existência de conversas entre a criança ou a mãe com algum elemento da família alargada sobre o passado da criança, grau de conforto da mãe em que estes assuntos sejam partilhados ao nível da família alargada, existência de conversas entre a criança ou a mãe com algum elemento da comunidade sobre o passado da criança e, por fim, grau de conforto da mãe em que estes assuntos sejam partilhados ao nível da comunidade.

2.2.4. CUIDA

O CUIDA é um questionário para avaliação de adotantes, cuidadores, tutores e mediadores. Este questionário não mede apenas aquelas variáveis legalmente exigidas para adotar, mas também incorpora variáveis muito importantes para exercer a parentalidade: a capacidade de se estabelecerem vínculos afetivos e a capacidade de resolução de conflitos. Assim, o CUIDA também se adequa a situações em que se pretende avaliar a personalidade e a parentalidade, servindo para observar onde estão as falhas e ajudar a resolver ou prevenir os diferentes problemas que poderão surgir. Nesta investigação, o instrumento é utilizado para determinar o perfil das mães e apura as seguintes escalas primárias: o altruísmo, a abertura, a assertividade, a autoestima, a capacidade de resolver problemas, a empatia, o equilíbrio emocional, a independência, a flexibilidade, a reflexibilidade, a sociabilidade, a tolerância à frustração, a capacidade de estabelecer vínculos e a capacidade de resolução de luto. O CUIDA aponta também três fatores de segunda ordem e um fator adicional. Os fatores de segunda ordem são: o cuidado responsável, o cuidado afetivo e a sensibilidade para com os outros. A agressividade é vista como o fator adicional.

3.5. Questionário dos Hábitos Narrativos - Versão para pais

O questionário dos Hábitos Narrativos pretende indicar a frequência com que determinadas situações se verificam no contexto familiar. É pedido às mães que assinalem a frequência numa escala de 5 pontos: 1 (Nunca), 2 (Poucas vezes na semana), 3 (Algumas vezes ao longo da semana), 4 (Frequentemente ao longo da semana) e 5 (Diariamente).

2.3. Procedimentos

2.3.1. Procedimentos de seleção da amostra

Numa primeira fase, foi solicitado o apoio da Associação Bem-me-queres, e em colaboração com a Equipa de Investigação foi organizada a renovação da base de dados da associação. Posteriormente, as famílias que constam na base de dados foram novamente contactadas e, face à disponibilidade demonstrada para participar no estudo, foram realizadas as marcações das sessões para a recolha de dados.

2.3.2. Procedimentos de recolha de dados

Nesta investigação, a recolha de dados decorreu entre abril e agosto de 2014, sendo que, na maioria dos casos, as sessões foram efetuadas no domicílio, distribuindo-se as restantes nas instalações da FPCEUP e nos respetivos locais de trabalho das mães.

Esta etapa foi marcada por duas sessões distintas. Na primeira sessão, depois de feitas as apresentações, o início dos encontros eram marcados pela assinatura de uma declaração com as condições do estudo e em que as mães mostravam o seu consentimento por escrito, autorizando também a participação dos seus filhos. A seguir realizavam-se as tarefas narrativas co-partilhadas entre a mãe e a criança. No fim, era apresentado o CUIDA e era dado à escolha o momento do seu preenchimento. Na segunda sessão, era realizada a entrevista semi-estruturada só às mães.

Escolheu-se esta ordem nos procedimentos por duas razões: primeiro, para manter a pureza e a riqueza da interação da díade mãe-criança; segundo, para evitar constrangimentos das mães, pois, caso fosse em ordem contrária, o investigador poderia identificar omissões e saberia se a mãe estaria a esconder alguma coisa ou não.

2.2.3. Procedimentos de análise de dados

No presente estudo caracteriza-se como misto, uma vez que utiliza dois tipos de análise: quantitativa e qualitativa.

Os dados recolhidos da Entrevista semi-estruturada foram agrupados em três dimensões principais: Dinâmica Familiar, Abertura da Comunicação em Geral e Abertura

da Comunicação sobre o Passado na família nuclear, na família alargada e na comunidade. A informação de cada um destes índices foi codificado de acordo com a presença ou ausência da comunicação em cada um dos itens (1=Não; 2=Sim) ou com o grau de satisfação da mãe com a essa comunicação (1=Insatisfeita; 2=Pouco Satisfeita; 3=Satisfeita; 4=Muito Satisfeita). Para além da cotação individual de cada item, foi possível obter uma classificação global de cada índice, traduzindo-se na média do somatório dos itens.

Assim, a análise dos dados recolhidos através da entrevista, bem como do CUIDA e do Questionário dos Hábitos Narrativos realizou-se recorrendo-se ao programa informático *IBM Statistical Package for Social Sciences* (versão 20.0).

A presente investigação irá também realizar uma análise de conteúdo das narrativas co-partilhadas entre a mãe e a criança e das narrativas de vida da criança contadas apenas pela mãe. De acordo com Bardin (2011), a análise de conteúdo consiste num conjunto de técnicas para analisar a comunicação, concentrando-se em fornecer um carácter de natureza objetiva às descrições de conteúdo subjetivo. Após a transcrição integral das narrativas, começou-se por realizar duas leituras integrais de cada entrevista, as quais foram organizadas por temas. Posteriormente, os temas foram agrupados em núcleos de sentido semelhantes entre si e organizados segundo uma sequência temporal e por frequências.

A partir da observação da experiência da tarefa co-partilhada, foi criada uma grelha global uma vez que existiam diferenças no modo como a mãe e a criança se posicionaram perante a tarefa e, portanto, suscitou o interesse de diferenciar e sistematizar diferentes estilos. Para o efeito, o artigo Bohanek, Marin, Fivush e Duke (2006) serviu de inspiração para determinar que tipo de estilos se poderiam diferenciar. Não sendo viável em tempo útil, no contexto desta investigação, utilizar o sistema de análise dos referidos autores, estudou-se esta variável apenas como fonte de inspiração e definiram-se um conjunto de indicadores muito diretos. Estes indicadores assentaram em três pontos: a) na postura física, onde foi avaliada a dimensão não-verbal dominante durante a construção da narrativa na tríade por parte da díade; b) na alternância da participação, muito especificamente na iniciativa da introdução dos temas e reação aos mesmos; e c) numa análise linguística quanto à “pessoa” em que a narrativa é contada (1^a, 2^a ou 3^a pessoa do singular).

A partir destes três indicadores foram identificados cinco estilos de interação na tarefa co-partilhada entre a mãe e a criança: Tipo 1, Diálogo colaborativo entre a mãe e a

criança; tipo 2, Diálogo dominado pela figura maternal; Tipo 3, Discurso maioritariamente da mãe; Tipo 4, Discurso maioritariamente da criança; tipo 4, Discurso por turnos. A avaliação destes foi feita tendo em conta a transcrição como um todo e dirigindo um parágrafo caracterizador de cada família integrando os três indicadores, conferindo-lhe uma abordagem mais holística e gestáltica à forma de conversação da díade. A caracterização destes estilos será apresentada mais à frente no capítulo dos resultados. Apesar de não ser a variável central no estudo achamos interessante identificá-la pela diversidade e heterogeneidade encontrada.

3. Análise dos Resultados

Este capítulo divide-se em duas grandes partes: PARTE A, referente à análise quantitativa, focando as questões da *Abertura da Comunicação* e, PARTE B, que dá relevo à análise qualitativa, focando as narrativas de vida.

PARTE A

1. Abertura da Comunicação

A Abertura da Comunicação foi avaliada pela entrevista semi-estruturada com o objetivo de compreender o processo de comunicação nas famílias e, em particular, a Abertura da Comunicação em Geral e a Abertura da Comunicação sobre o Passado. Para o efeito, operacionalizamos cada uma das variáveis, construindo um compósito de todas as questões relativas a cada um dos tipos de comunicação respondidas em escala de Likert, designando-se como índice de Abertura da Comunicação em Geral e Abertura da Comunicação sobre o Passado. (ver Método)

Nesta primeira etapa começamos por comparar as diferenças entre as médias obtidas em cada um dos índices bem como explorar a associação entre eles.

Tabela 1. Médias relativas à Abertura da Comunicação em Geral e Abertura da Comunicação sobre o Passado em função do tipo de família

	Abertura da Comunicação em Geral Média (DP)	Abertura da Comunicação sobre o Passado Média (DP)	<i>U</i>	<i>p</i>
Famílias adotivas	11,75 (0,71)	26,75 (5,06)	-2,53	.012

Famílias biológicas	12,20 (1,32)	22,50 (4,43)	-2,81	.005
Total	12,00 (1,09)	24,39 (5,07)	-3,73	.000

Na leitura da tabela, podemos verificar que existem diferenças significativas entre a Abertura da Comunicação em Geral e Abertura da Comunicação sobre o Passado, tanto nas famílias adotivas como nas biológicas. Nos dois tipos de família parece existir uma maior tendência para a Abertura da Comunicação sobre o Passado do que para a Abertura da Comunicação em Geral.

No sentido de averiguarmos se existem diferenças entre as famílias adotivas e famílias biológicas ao nível da Abertura de Comunicação em Geral e ao nível da Abertura da Comunicação sobre o Passado, bem como ao nível das subdimensões que as compõe procedeu-se à utilização do teste de Mann-Whitney.

1.1. Abertura da Comunicação em Geral

A média do total da Abertura da Comunicação em Geral é superior nas famílias biológicas ($M=12,20$; $DP=1,32$) do que nas famílias adotivas ($M=11,75$; $DP=0,71$). No entanto, não se evidenciaram diferenças significativas entre as famílias adotivas e biológicas ao nível da Abertura da Comunicação em Geral, $U=31,00$, $p=.404$.

Realizando uma análise mais detalhada em relação a cada subdimensão que compõe a dimensão da Abertura da Comunicação em Geral, também não foram encontradas diferenças significativas entre os dois tipos de família ao nível destes itens. Contudo, é interessante verificar que existe uma tendência para as mães adotivas revelarem um valor médio mais alto em relação às subdimensões relativas à existência de conversas sobre histórias familiares e conversas sobre questões do quotidiano da mãe ($M=2,00$; $DP=0,42$, em ambos) do que as famílias biológicas ($M=1,80$; $DP=0,42$, em ambos).

1.2. Abertura da Comunicação sobre o Passado

O índice da Abertura da Comunicação sobre o Passado surge na segunda parte da entrevista semi estruturada e realizaram-se duas versões, uma para as famílias adotivas, em que as questões são relativas a um passado anterior à adoção, e também é feita uma correspondência para as famílias biológicas, mas em relação a acontecimentos críticos (divórcio dos pais, luto, mudança económica drástica, ...).

Ao analisar se existem diferenças entre os dois tipos de família ao nível da Abertura da Comunicação sobre o Passado, não se evidenciaram diferenças significativas, $U=20,50$, $p=.082$.

Porém, ao analisar detalhadamente cada item que compõe a dimensão da Abertura da Comunicação sobre o Passado, algumas diferenças revelam-se estatisticamente significativas.

Tabela 2. Valores médios das subdimensões da Abertura da Comunicação sobre o Passado onde foram encontradas diferenças significativas entre as famílias adotivas e biológicas.

	Famílias adotivas ($n=8$) Média (DP)	Famílias biológicas ($n=10$) Média (DP)	U
Dificuldade da mãe em responder às perguntas da criança	1,00 (0,00)	1,63 (0,52)	9,00*
Conversa entre a mãe e um elemento da fam. alargada sobre o passado da criança	2,00 (0,00)	1,40 (0,52)	16,00*
Conforto da mãe quanto aos assuntos do passado sejam partilhados na fam. alargada	3,87 (0,35)	3,20 (0,42)	13,00*
Conversa entre a mãe e um elemento da comunidade sobre o passado da criança	1,88 (0,35)	1,20 (0,42)	13,00*

* $p < .05$

Quando a criança faz perguntas sobre um acontecimento crítico ou sobre a adoção, existem diferenças significativas entre as famílias adotivas e famílias biológicas ao nível do grau de dificuldade da mãe em responder às mesmas, $U=9,00$, $p=.020$. Parecem existir mais dificuldades em responder a perguntas da criança nas famílias biológicas do que nas famílias adotivas.

Também são verificadas diferenças estatisticamente significativas entre os dois tipos de famílias ao nível da existência de conversas entre a mãe e outro elemento da família alargada sobre o passado da criança, $U=16,00$, $p=.009$. As mães adotivas parecem ter uma maior tendência para conversar mais sobre a adoção ou sobre o passado da criança com um elemento da família alargada do que as famílias biológicas sobre o passado. Simultaneamente, verificam-se diferenças significativas entre as famílias adotivas e

biológicas ao nível do grau de conforto da mãe quanto aos assuntos do passado da criança sejam falados na família alargada, $U=13,00$, $p=.006$. Parece haver um maior grau de conforto nas mães adotivas do que nas mães biológicas quando os assuntos do passado da criança são partilhados com a família alargada.

Ao nível da existência de conversas sobre o passado da criança entre a mãe e algum elemento da comunidade evidenciam-se diferenças significativas entre os dois tipos de famílias, $U=13,00$, $p=.006$. Os resultados revelam que as mães adotivas têm mais tendência a falar sobre o passado da criança com algum elemento da comunidade do que as mães biológicas.

Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre as famílias adotivas e biológicas ao nível dos restantes itens que englobam a Abertura da Comunicação sobre o Passado da criança. No entanto, a existência de conversas sobre o passado entre a criança e a família alargada tende a ser maior nas famílias adotivas ($M=1,63$; $DP=0,52$) do que nas famílias biológicas ($M=1,40$; $DP=0,52$). Assim como a média da existência de conversas sobre o passado entre a criança e um elemento da comunidade tem tendência para ser superior nas famílias adotivas ($M=1,62$; $DP=0,52$) em contraste com as famílias biológicas ($M=1,30$; $DP=0,48$).

2. Abertura da Comunicação e Hábitos Narrativos

2.1. Caracterização dos Hábitos Narrativos

Em primeiro lugar, no sentido de dar a conhecer a distribuição da amostra, descrevem-se os resultados dos Hábitos Narrativos dos participantes e verificam-se as diferenças entre os dois tipos de família, apresentados na seguinte tabela.

Tabela 3. Médias descritivas dos Hábitos Narrativos [13; 52]

	Pop. Total <i>M (DP)</i>	Fam. Adotivas <i>M (DP)</i>	Fam. Biológicas <i>M (DP)</i>	<i>U</i>	<i>p</i>
Hábitos Narrativos	42,83 (8,41)	45,00 (7,93)	41,10 (8,79)	32,50	.504

Verificou-se que, relativamente aos Hábitos Narrativos, a média do total das famílias adotivas é superior à das famílias biológicas, embora esta diferença não seja estatisticamente significativa.

Analisando todos os itens dos Hábitos Narrativos em detalhe, verificou-se uma diferença estatisticamente significativa entre famílias adotivas e biológicas ao nível do

item *Desenho ou pinto com o(a) meu(minha) filho(a)*, $U=18,00$, $p=.034$. Parece que as mães adotivas demonstram mais tendência para desenhar ou pintar com os seus filhos do que as mães biológicas.

2.2. Associação entre os Hábitos Narrativos e as Abertura na Comunicação

Posteriormente, de modo a analisar se existe alguma associação entre os Hábitos Narrativos e a Abertura da Comunicação, bem como entre as respetivas subdimensões, recorreu-se às correlações de Spearman.

Tabela 4. Associações entre Hábitos Narrativos e Aberturas da Comunicação.

		Abertura da Comunicação em Geral	Abertura da Comunicação sobre o Passado
Hábitos Narrativos	<i>r</i>	0,40	0,47
	<i>p</i>	.097	.048

De acordo com uma primeira leitura das correlações entre o total dos Hábitos Narrativos e o total da Abertura da Comunicação em Geral, não foram encontradas associações significativas entre estas duas variáveis. Já da análise das correlações entre o total dos Hábitos Narrativos e o total da Abertura da Comunicação sobre o Passado, verifica-se uma associação positiva entre as duas variáveis ($r=0,47$; $p=.048$).

Na leitura das correlações entre o total dos Hábitos Narrativos e as subdimensões da Abertura da Comunicação em Geral, apenas foi encontrada uma associação positiva que revelou que quanto maior a pontuação obtida nos Hábitos Narrativos maior também o valor atribuído à subdimensão relativa à existência de conversas sobre histórias familiares ($r=0,47$, $p=.045$). Na leitura das correlações entre o total da Abertura da Comunicação em Geral e todas as subdimensões dos Hábitos Narrativos foi encontrada uma associação positiva entre o total da Abertura da Comunicação em Geral e os itens *Conto histórias que se passaram no meu dia a dia ao(à) meu(minha) filho(a)* ($r=0,49$, $p=.038$), *Costumo ficar a conversar com o(a) meu(minha) filho(a)* ($r=0,56$, $p=.015$), *Peço ao(à) meu(minha) filho(a) para me contar acontecimentos que se passaram com ele(ela)* ($r=0,47$, $p=.049$) e, por último, *Ouçó o que o(a) meu(minha) filho(a), espontaneamente, me conta de coisas que se passaram* ($r=0,51$, $p=.030$).

Para além disso, ao analisar as correlações entre o total dos Hábitos Narrativos e as subdimensões relativas à Abertura da Comunicação sobre o Passado, foi encontrada uma

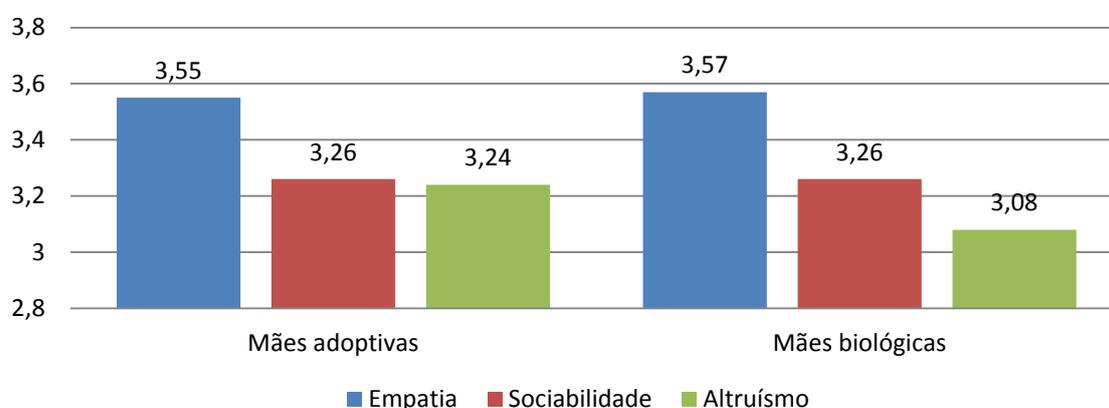
associação negativa que revela que quanto maior o valor dos Hábitos Narrativos, menor o grau de dificuldade da mãe em responder a perguntas feitas pela criança ($r=-0,72, p=.004$). Também foi verificada uma associação positiva entre o total dos Hábitos Narrativos e a subdimensão relativa ao grau de conforto da mãe ao partilhar os assuntos relativos ao passado da criança na comunidade ($r=0,60, p=.009$). Por fim, na leitura das correlações entre o total da Abertura da Comunicação sobre o Passado e as subdimensões dos Hábitos Narrativos, foram encontradas duas associações positivas, nomeadamente, nos itens *Desenho ou pinto com o meu filho* ($r=0,52, p=.026$) e *Canto canções com o meu filho* ($r=0,50, p=.035$).

3. Abertura da Comunicação e Perfil de Personalidade das Mães

3.1. Descrição dos resultados das mães ao nível do Perfil de Personalidade

O perfil de personalidade foi avaliado através do questionário CUIDA e foram realçadas as três dimensões com valores mais altos nas médias, verificadas no seguinte gráfico.

Gráfico 1. Diferenciação das médias da Empatia, Sociabilidade e Altruísmo em função do tipo de família.



As dimensões que alcançaram valores superiores no total da amostra foram Empatia ($M=3,56, DP=0,22$), Sociabilidade ($M=3,26; DP=0,40$) e Altruísmo ($M=3,15; DP=0,32$). Verifica-se que as mães biológicas têm média superior à das famílias adotivas na Empatia, e as famílias adotivas possuem média superior à das famílias biológicas no Altruísmo. Contudo, não foram encontradas quaisquer diferenças significativas entre os dois tipos de família ao nível do perfil de personalidade das mães.

3.2. Exploração das associações entre Abertura da Comunicação e Perfil de Personalidade

Ao nível do total da Abertura da Comunicação em Geral foi encontrada uma associação positiva em relação à Empatia ($r=0,59, p=.010$). Por outro lado, em relação ao total da Abertura da Comunicação sobre o Passado verificou-se uma associação negativa com a Independência ($r=-0,50, p=.035$).

Na leitura das correlações entre as subdimensões da Abertura da Comunicação em Geral e as subdimensões do perfil de personalidade foram encontradas algumas associações significativas.

Foi encontrada uma associação negativa entre a subdimensão respeitante à iniciativa da mãe questionar a criança quando esta se sente mais triste, ansiosa ou nervosa e a Reflexibilidade ($r=-0,55, p=.019$). Outra associação encontrada revela que quanto maior o valor da subdimensão relativa à existência de conversas sobre histórias familiares, maior vai ser também o valor associado à Autoestima ($r=0,52, p=.028$) e à Tolerância à Frustração ($r=0,50, p=.034$). Em relação à subdimensão relacionada com a tomada de decisões em conjunto foram encontradas três associações negativas em relação ao Equilíbrio emocional ($r=-0,49, p=.037$), em relação à Flexibilidade ($r=-0,43, p=.037$) e, por fim, em relação à Capacidade de resolução de luto ($r=0,48, p=.045$). Verificou-se, também, uma associação positiva entre a subdimensão relativa à existência de conversas com a criança sobre problemas familiares e a Empatia da mãe ($r=0,50, p=.033$). Por último, verificou-se uma associação que revela que quanto maior for o valor relativo à existência de conversas sobre problemas do quotidiano da mãe, menor vai ser o valor associado à Independência da mãe ($r=-0,48, p=.043$).

Na leitura das correlações entre as subdimensões da Abertura da Comunicação sobre o Passado e o perfil de personalidade das mães também foram encontradas algumas associações estatisticamente significativas.

Assim, verificou-se uma associação negativa entre a subdimensão relativa à existência de perguntas sobre algum acontecimento crítico ou sobre a adoção e a Flexibilidade das mães ($r=-0,53, p=.022$). Apenas nas famílias adotivas, verificaram-se duas associações negativas entre a existência de perguntas sobre a família biológica e a Assertividade ($r=-0,81, p=.014$) e a Capacidade de resolução de problemas ($r=-0,76, p=.030$). Em relação à subdimensão relativa à aceitação da criança às respostas da mãe, encontra-se uma associação negativa com a Autoestima ($r=-0,62, p=.018$). Quanto à existência de conversas entre a criança e a família alargada sobre o passado foram

encontradas duas associações positivas, uma relativa à Flexibilidade ($r=0,54$, $p=.021$) e outra em relação à Tolerância à Frustração ($r=0,49$, $p=.040$).

PARTE B

1. Narrativas de vida da criança produzidas em díade Mãe-Criança e relatadas só pela Mãe

As narrativas co-partilhadas entre a mãe e a criança e as narrativas contadas apenas pela mãe foram sujeitas a uma análise de conteúdo temática. A grelha de categorias foi definida de acordo com os objetivos específicos deste estudo e após uma leitura global das transcrições, tendo sido utilizada a mesma base de categorias para os dois tipos de narrativa (partilhada e só com a mãe), no sentido de perceber se cada tema era abordado só num dos tipos de narrativa ou em ambos. A esta base iam sendo eventualmente acrescentados temas de acordo com o que surgia de novo em cada narrativa. Após a análise das transcrições, os temas foram apurados segundo um critério de frequência e de pertinência do próprio tema. Este sub-capítulo é apresentado em duas partes: os temas abordados nas narrativas das famílias adotivas e os temas abordados nas famílias biológicas, explorando em cada uma questões mais específicas de cada tipo de família.

1.1. Temas abordados nas narrativas das famílias adotivas

Alguns temas foram sendo distribuídos por tempo, sendo que todas as crianças nasceram, tiveram experiências antes da adoção, passaram pelo processo de adoção numa determinada sequência de etapas, como primeiro contacto com a família por adoção antes de chegarem à família adotiva, entre outros exemplos. Os outros temas foram sendo dispostos segundo as frequências e pertinência na narrativa. Em primeiro lugar, iremos apresentar uma tabela de frequências de narrativas que focam cada um dos temas, construídas pela díade mãe-criança e só pela mãe. Num momento posterior, serão aprofundados os conteúdos acerca dos dois temas centrais neste estudo, nomeadamente, o passado anterior à adoção e a adoção.

Tabela 5 . Frequência de temas que surgiram nas narrativas das famílias adotivas.

Temas	Narrativa co-partilhada	Narrativa contada pela mãe
Passado anterior à adoção		
Nascimento	3	2

Família biológica	6	7
Motivo da retirada	4	5
Contexto de cuidado antes da adoção	6	7
Adoção		
Processo de adoção	2	6
Primeiro contacto entre a criança e a família adotiva	3	5
Primeiros tempos com a criança	4	3
Relação com pais adotivos	7	3
Relação com irmãos	1	-
Família alargada	3	2
Comunicação sobre a adoção	3	1
Separação dos pais adotivos	2	1
Escola	6	3
Relação com pares e professores	2	-
Atividades dos tempos livres	3	-
Férias/Festas/Passeios	3	-
Aspetos comportamentais	2	3
Aspetos desenvolvimentais	1	2
Caracterização da personalidade	2	3
Futuro	2	-

Nas narrativas co-partilhadas parece haver mais incidência nos temas relacionados com a relação com os pais adotivos, referências à família biológica, referências ao contexto de cuidado do qual a criança saiu bem como ao contexto escolar. Por outro lado, nas narrativas contadas apenas pela mãe os temas com mais frequência referem-se à família biológica da criança, ao contexto de cuidado por que a criança terá passado e ao processo de adoção. Para além da importância da temática da adoção neste grupo de participantes, estes também estão sujeitos aos mesmos acontecimentos críticos que as famílias biológicas. Prova disso, é a referência do tema da separação dos pais adotivos nas narrativas.

Ao observar a tabela, parece que as narrativas contadas apenas pela mãe centram o seu foco no passado da criança antes de chegar à família adotiva e no processo de adoção em si. Durante a tarefa, foi interessante verificar que algumas mães referiam os marcos etários até à chegada da criança à família adotiva, parecendo uma das formas de organizar e se apropriar da informação que tem do passado da criança. Já as narrativas co-partilhadas

parecem apresentar uma maior diversidade temática, focalizando-se, no geral, em assuntos mais presentes, em que muitos deles nem são mencionados na hetero-narrativa que a mãe constrói. Verifica-se esta situação em temas associados à relação com irmãos adotivos ou biológicos, à relação com pares e professores, às atividades dos tempos livres em que a criança se encontra ou encontrou envolvida, às férias/festas/passeios e ao futuro. É interessante verificar que não há nenhum tema que tenha surgido na narrativa da mãe que não tenha sido em algum caso também focado na narrativa co-partilhada.

1.1.1. Comunicação sobre o passado anterior à adoção

1.1.1.1. Caracterização das narrativas em relação ao passado anterior à adoção

De seguida, será apresentada uma tabela que refere as frequências e partilha exemplos ilustrativos das narrativas co-partilhadas entre a mãe e a criança e das narrativas contadas pela mãe dos temas relativos à comunicação sobre o passado anterior à adoção, nomeadamente, referências à família biológica, referências ao motivo da retirada, referência a contextos de cuidado por que a criança terá passado e referência a episódios que a criança terá vivido.

Tabela 6. Temas que reportam a Comunicação sobre o Passado anterior à adoção nas narrativas co-partilhadas entre a mãe e a criança e nas narrativas contadas pela mãe, respetivas frequências e exemplos ilustrativos.

	Narrativa Co-partilhada entre a mãe e a criança
	Narrativa contada pela mãe
Referência à família biológica (n=6)	M: <i>Depois o que o que te lembras mais?</i> C: <i>A minha mãe acho que desapareceu alguns dias..</i> M: <i>Hmm hmm.</i> C: <i>O meu pai também. E ficamos com uma menina, uma adolescente, tinha dezasseis anos, dezassete.. Hmm. Não me lembro bem.</i> (Família 1)
(n=7)	<i>Ahmm..e sei que a mãe as abandonou aos cinco meses.. tinha a Andreia cinco meses. Portanto, a L. a partir dos três anos, daquilo que me foi dito, foi.. teve ao cuidado do pai e de uma tia.</i> (Família 1)
Referência ao motivo da retirada (n=4)	M: <i>E depois.. depois o T. chegou, depois entrou, vinha... como é que tu vinhas?</i> C: <i>Assim com os cabelos por aqui..</i> M: <i>Muito compridos. Com muita fome ou pouca fome?</i> C: <i>Muita.</i> M: <i>Muita fome. Os pés? Como é que vinham os pés?</i> C: <i>Pretos!</i> (Família 5)
(n=5)	<i>Aquilo foi uma retirada muito.. que enganaram a mãe e meteram-no o jipe.. foi tudo muito.. violento.. Ele vinha em muito más condições, ahm, o cabelo pelos ombros com piolhos do tamanho de formigas..</i>

		(Família 5)
Referência ao contexto de cuidado que a criança saiu (n=6)	<p>M: Pronto. Entretanto, o A. foi p'ra onde?</p> <p>C: Para uma instituição. Tive.. Passei muitos anos com o meu irmão. Eu e o meu irmão conhecemos outras pessoas, mas também havia um miúdo, tipo, chamava-se.. eu tinha um amigo também, o L., nós gostavamos muito. Era..eramos amigos, olha, amigos do peito! E nós gostavamos muito..</p> <p>M: E tu gostaste de estar na instituição, filho?</p> <p>C: Sim, ahh, por acaso foi uma vida muito boa.</p>	(Família 4)
(n=7)	(...) então a V. foi para lá para a instituição com um mês de idade.	(Família 7)
Referência a episódios que a criança terá vivido (n=5)	<p>M: E que é que mais te lembras?</p> <p>C: Ahmm, deixa ver.</p> <p>M: Não te lembras que partiste lá um dente?</p> <p>C: Eiii, pois é!</p> <p>M: Pois é, que agora já não se nota, que é um dente definitivo. E como é que foi? Lembras-te disso?</p> <p>C: Caí abaixo!</p> <p>M: Abaixo de quê? Lembras-te de quê que caíste abaixo?</p> <p>C: Acho que foi escadas.</p>	(Família 8)
(n=3)	Andaram ali, pelos visto, 4 anos e meio a brincar com o miúdo. E pelo que soube, ele também andou a saltar de casa em casa. Casa de acolhimento, não foi para instituição..	(Família 3)

A tabela 6 demonstra que é nas narrativas contadas apenas pela mãe que existe uma maior frequência nos assuntos relativos ao passado anterior à adoção, exceto na referência a episódios vividos pela criança, que apresenta uma maior frequência na narrativa em que a criança está presente. Ainda que no decorrer das narrativas co-partilhadas a maior parte dos assuntos tenha sido introduzida pela mãe, duas crianças introduziram o tema da família biológica e de episódios que terá vivido e uma criança introduziu o tema do contexto de cuidado por onde terá passado.

1.1.1.2. Associação entre a Abertura da Comunicação sobre o Passado e os temas explorados nas narrativas relativos ao passado anterior à adoção

Nesta etapa, foi necessário compreender que temas relativos ao passado anterior à adoção eram referidos ou omitidos, em cada família, nas narrativas co-partilhadas e nas narrativas contadas pela mãe. Para tal, foi criada uma classe de valores para se perceber se os temas aparecem ou não nos dois tipos de narrativas. Foi atribuído o valor 4 para uma comunicação fluída, que corresponde à presença do tema nos dois tipos de narrativa; 3 para uma comunicação intermédia, em que o tema apenas aparece na narrativa co-partilhada; 2 também para uma comunicação intermédia, em que o tema apenas aparece na narrativa

contada pela mãe; 1 para uma comunicação fechada, que corresponde à ausência do tema nos dois tipos de narrativa.

Tabela 7. Frequências de famílias que referiram temas relativos ao passado anterior à adoção nas narrativas, nas quatro classes de valores criada.

Abordagem aos assuntos do passado	Ref. à família biológica	Ref. ao motivo da retirada	Ref. a cont. de cuidado anteriores	Ref. a episódios que a criança viveu
Nas duas narrativas (4)	5	2	6	2
Apenas na narrativa co-partilhada (3)	1	2	0	3
Apenas na narrativa contada pela mãe (2)	2	3	1	1
Nenhuma (1)	0	1	1	2
TOTAL	8	8	8	8

Pela leitura da tabela, podemos observar uma comunicação fluída em 6 famílias quando referem contextos de cuidado antes da família adotiva, 5 quando referem a família biológica, 2 ao referir o motivo da retirada e outras 2 ao referir episódios que a criança terá vivido, tanto na narrativa co-partilhada como na narrativa contada apenas pela mãe.

Já a comunicação intermédia foi dividida em dois momentos: um quando o tema apenas aparece na narrativa co-partilhada e outro quando o tema aparece apenas na narrativa contada pela mãe. Verifica-se uma comunicação intermédia, por o tema aparecer apenas na narrativa co-partilhada, em 3 famílias quando referem acontecimentos que a criança terá vivido, 2 quando referem o motivo da retirada e 1 ao referir a família biológica. Ainda que a mãe tolere o tópico, não se apropria dele para mencioná-lo na sua narrativa. Por outro lado, continua a observar-se uma comunicação intermédia em 3 famílias que referem o motivo da retirada, 2 que fazem referência à família biológica, 1 ao referir os contextos de cuidado anteriores à adoção e 1 ao referir episódios que a criança terá vivido, mas nestes casos os temas apenas foram abordados nas narrativas contadas pela mãe. Nestes casos, parece existir uma apropriação do tema por parte da mãe, no entanto parece haver uma maior dificuldade na partilha do mesmo.

Por fim, observa-se uma comunicação fechada em 2 famílias que não referiram episódios que a criança terá vivido, 1 que não referiu o motivo da retirada e 1 que não referiu o contexto de cuidado anterior à adoção, nem na narrativa co-partilhada, nem na narrativa contada apenas pela mãe.

Posteriormente realizaram-se correlações de Pearson para verificar se existem associações entre a referência aos temas relativos ao passado da criança introduzidos nas duas narrativas e a Abertura da Comunicação sobre o Passado. Não se verificaram associações significativas, ao contrário do expectável. Este facto pode ser justificado com a limitação dos itens que compõe o índice da Abertura da Comunicação sobre o Passado, que se baseiam em percepções da mãe, por vezes, em relação a comportamentos ou pensamentos da criança. Esta percepção pode não corresponder à realidade e por isso, por vezes, os temas aparecem nas narrativas, no entanto a percepção da mãe em relação a Abertura da Comunicação sobre o Passado é baixa, ou vice-versa. Portanto, os temas realmente aparecem espontaneamente nas narrativas co-partilhadas e nas narrativas contadas pela mãe, contudo a mãe pode ter ou não uma percepção mais afinada, mais aproximada do real ou não.

1.1.2. Comunicação sobre a adoção

A cotação da comunicação sobre a adoção foi realizada segundo cinco parâmetros no sentido de se verificar o grau de referência à adoção nas narrativas co-partilhadas bem como nas narrativas contadas pela mãe. Os parâmetros demonstravam se: 1) a adoção não era referida na narrativa; 2) estava subentendido que a criança teria sido adotada; 3) a adoção era referida na narrativa; 4) o tema adoção era desenvolvido na narrativa; 5) existe a presença de um episódio relacionado com a adoção.

Tabela 8. Tabela de frequências de narrativas co-partilhadas e contadas pela mãe segundo um grau de referência do assunto da adoção.

		Narrativas co-partilhadas					
Narrativas contadas pela mãe	Abordagem à Adoção	Não refere	Subentendido	Refere	Desenvolve	Conta episódios	TOTAL
	Não refere	-	-	-	-	-	0
	Subentendido	-	-	-	-	-	0
	Refere	-	-	3	-	-	3
	Desenvolve	-	-	-	1	1	2
	Conta episódios	-	-	1	1	1	3
	TOTAL	0	0	4	2	2	8

Acerca da comunicação sobre a adoção, nas narrativas co-partilhadas parece existir uma maior tendência para apenas referir a adoção do que para desenvolver ou contar

episódios. Nas narrativas contadas pela mãe existe a mesma frequência das que apenas referem a adoção e das que contam episódios. De seguida é apresentada uma tabela que mostra alguns excertos de narrativas, dando exemplos em cada grau de referência.

Tabela 9. Temas que reportam a Comunicação sobre a adoção nas narrativas co-partilhadas entre a mãe e a criança e nas narrativas contadas pela mãe, respetivas frequências e exemplos ilustrativos.

Narrativa Co-partilhada entre a mãe e a criança	
	Narrativa contada pela mãe
Refere (n=4)	M: <i>Ah, ainda bem. Ah, pronto, e depois foste lá para nossa casa, não é? Pronto, e o que é que tu achaste diferente? Gostaste de ir, não gostaste, achaste muito esquisito..?</i> C: <i>A casa!</i> (Família 1)
(n=3)	<i>Depois ele veio para casa.. veio viver para minha casa. Não foi um período fácil!</i> (Família 4)
Desenvolve (n=2)	C: <i>E depois, não foram vocês que me foram buscar?</i> M: <i>Mas tu gostavas de estar no terço?</i> C: <i>Sim, mas gostei quando vocês me foram buscar..</i> M: <i>Nós não te fomos buscar logo, pois não?</i> C: <i>Não.</i> (...) M: <i>Vieste logo para casa?</i> C: <i>Não, depois mais tarde vim.</i> M: <i>Mas primeiro vinhas ao fim de semana. Depois foi à sexta, ao sábado e ao domingo. Não era?</i> C: <i>Sim.</i> M: <i>Depois já era sexta, sábado, domingo e segunda. Depois começou a ser os dias todos até resolvermos em tribunal.</i> C: <i>Pois foi.</i> (Família 6)
(n=2)	<i>Ahm, eu candidatei-me à adoção singular, no serviço de adoções. O que pensei.. 'bom, se eu faço isto com estes, devo ser capaz de fazer isto com outro. E, na realidade, eu tenho tempo e disponibilidade a sério. Não é mais um miúdo que me vai... pronto, apesar do orçamento e.. tenho disponibilidade e gosto e..' realmente, sempre tive mais pena de não ter filhos do que não casar.</i> (Família 5)
Conta episódios (n=2)	C: <i>..o meu p... o meu pai e a minha mãe.. vieram.... (silêncio)</i> M: <i>Vieram ou foram.. é a mesma coisa, sim, mas continua. Podes dizer a palavra.. foram quê..</i> C: <i>Buscar-me...</i> (...) C: <i>E então, p'ra mim, eu estava.. a acabar de almoçar e, ahmm, a ver televisão. Enquanto que estava a entrar na sala, tocaram à campainha. Eu estranhei. Nunca naquela casa tinha ouvido tocar à campainha. Pronto, fiquei normal, descontraí..</i> M: <i>E depois?</i> C: <i>Depois... (pausa).. vieram os meus pais... escolher.. da... pediram, ahmm... como é que eu hei-de dizer? Especificamente, uma pessoa que seja...pirata que se chamasse T...</i> M: <i>(risos)</i> C: <i>...e, ahmm, e depois eu ouvi o meu nome e fiquei... sem saber... Eu achava que aquilo p'ra mim era um sonho que me estava a acontecer. Depois, quando</i>

eu ia ao meu quarto... olhei para a porta e, ahmm... Era o meu pai e a minha mãe, que estavam a falar com a senhora sobre... o irem-me buscar.

(Família 3)

(n=3)

Tivemos quatro anos à espera para.. para podermos adotar. Ahmm, inicialmente queríamos uma menina, depois aceitámos..ahm.. como vimos que.. que era muito.. que era muito moroso. Numa conversa a meio do percurso dissemos que.. Porque eu disse que não queria adotar só uma criança, eles perguntaram 'ah e se fossem irmãos e tal', e eu disse que se fossem em tempos diferentes que não me importava nada de ter. Até porque ia fazer isso mais tarde e tal. E pronto, e vieram as duas com uma semana de diferença.. (risos) Não era bem a diferença... o tempo de diferença que eu dizia, mas.. Vieram mais ou menos ao mesmo tempo.

(Família 7)

1.2. Temas abordados nas narrativas das famílias biológicas

Nesta fase apresentamos os temas abordados nas famílias biológicas que, à semelhança das famílias adotivas, foram dispostos numa tabela de frequências, exibida a seguir.

Tabela 10. Frequência de temas que surgiram nas narrativas das famílias biológicas.

Temas	Narrativa co-partilhada	Narrativa contada pela mãe
Nascimento *	9	8
Contextos de cuidado	5	6
Escola*	8	7
Caracterização enquanto aluno	5	6
Aspetos desenvolvimentais*	5	6
Aspetos comportamentais*	1	4
Caracterização da personalidade*	3	7
Relação com família nuclear*	6	3
Família alargada	2	-
Relação com pares e professores*	4	5
Rotinas	2	-
Atividades dos tempos livres*	8	6
Interesses	5	4
Férias/festas*	5	-
Saúde	3	4
Acontecimento crítico	3	1

* Categoria temática comum à das famílias por adoção

Nas narrativas co-partilhadas entre a mãe e a criança, os temas com maior incidência são o nascimento da criança, a escola, as atividades dos tempos livres que a criança esteve ou está envolvida e as relações com a família nuclear. Por outro lado, nas

narrativas contadas apenas pela mãe, os temas com mais frequência referem-se ao nascimento, à escola e à caracterização da personalidade.

Na leitura da tabela, à semelhança do que aconteceu com as famílias adotivas, parece haver uma maior diversidade de temas nas narrativas co-partilhadas do que nas narrativas contadas apenas pela mãe. Entre os temas explorados nas narrativas da díade que não foram mencionados nas narrativas contadas pela mãe encontram-se a referência à família alargada, às rotinas e às festas/férias. Em síntese, parece que as narrativas co-partilhadas se focam mais nos aspetos relacionais e de lazer, como as atividades que praticam, as férias e festas bem como os interesses. Em contraste as narrativas contadas apenas pela mãe que parecem estar mais focadas em aspetos descritivos e caracterizadores da criança, realçando a personalidade, o desenvolvimento e o comportamento dos filhos.

É importante focar alguns contrastes nítidos com o grupo de famílias adotivas que se encontra claramente no tópico relativo ao nascimento. Nas famílias biológicas este é referido na quase totalidade dos casos, em ambas as narrativas, enquanto que nas famílias adotivas muito poucas referem o tema do nascimento, seja em díade (três em oito) ou só a mãe (duas em oito). Podem, ainda, verificar-se outros contrastes nas descrições da personalidade da criança e referência a aspetos desenvolvimentais, em que as famílias biológicas apresentam uma grande frequência, enquanto que nas famílias adotivas muito poucas referem estes tópicos.

De seguida é apresentada uma tabela que mostra alguns excertos de narrativas das mães biológicas, dando exemplos do grau de referência dos acontecimentos críticos.

Tabela 11. Frequências das famílias que referem, desenvolvem ou contam episódios sobre *acontecimentos críticos* e exemplos ilustrativos para as narrativas co-partilhadas e narrativas contadas pela mãe das famílias biológicas.

	Narrativa Co-partilhada entre a mãe e a criança
	Narrativa contada pela mãe
Refere (n=1)	M: <i>Depois também não te lembras, mas é importante porque te vais começar a lembrar melhor.. Quando tinhas 6 meses faleceu o avô A...</i> C: <i>Sim.</i>
	(Família 6)
Desenvolve (n=1)	M:(...) <i>mas houve uma determinada altura que o pai e a mãe se separaram.. Foi mais ou menos há quatro anos.. A P. tinha.. (risos)</i> C: <i>Estava no terceiro ano. (risos) Oito, nove e estava no terceiro ano.</i> M: <i>Estavas no terceiro ano, tinhas oito, nove, pronto. Foi uma altura, que é verdade.. foi uma altura que a P. e a M. sofreram um bocadinho, ficaram tristes, mas depois compreenderam que o pai e a mãe continuam a dar-se bem e que, ela sabe disso, a mãe deseja sempre o melhor para o pai e vice-versa e, ahmm, pronto. E às vezes as relações não duram para sempre e enquanto casal, chegou àquele momento e terminou, mas não quer dizer que com isso que.. os</i>

	<i>pais se separam, não se separam dos filhos nunca, nunca!</i>	(Família 8)
Conta episódios (n=1)	<p>M: <i>No Caramelo e ele morreu. Nós fomos lá um dia e ele estava lá (...). E a C., foi muito engraçado, porque a mim me chocou um bocado, porque ela era muito pequenina.. Ela, quando estivemos lá no..na..na..no centro híbrido, ela..</i></p> <p>C: <i>Eu montei ao colo..</i></p> <p>M: <i>Ela estava normal, portanto, ela soube da morte do Caramelo e ela soube perfeitamente.. que nós tavamos com uma amiguinha dela também e a C. teve ali.. eu assim, até achei estranho, caramba, estava a ficar 'estás muito...indiferente!'</i></p> <p>C: <i>(...)</i></p> <p>M: <i>É, não sei como é que ela faz. Pronto. (...) Quando deixámos a amiga da Inês e a mãe em casa, ela desatou num pranto, a chorar.. Aquilo foi muito difícil, foi ali umas horinhas valentes, em que ela estava mesmo, muito muito triste. Lá está, muito apegada às pessoas e às coisas.</i></p>	(Família 8)
(n=1)	<p>M: <i>Por volta da terceira classe, foi quando ocorreu o divórcio. Ahm, pronto, isto é, falando um bocadinho não tanto dela, mas do contexto. Ela nunca ouviu os pais em grandes discussões. Nunca ouviu os pais a discutirem. Pronto, há..há divórcios que são extremamente, ahm.. ahm.. dolorosos para os filhos, porque há agressões verbais (?), mas há agressões verbais. Mas ela nunca ouviu da parte.. Claro que, nessa altura, a L. ressentiu-se. Ressentiu-se, ahmm, mas não verbalizou muito. E comentou com a minha mãe, uma vez, comentou com a avó e disse: 'oh vó, tu tiveste muita sorte. Tu nunca tiveste, ahm, os pais.. nunca foste uma filha de pais separados!' Portanto, ela sentiu obviamente.</i></p>	(Família 8)

2. Narrativas de vida co-partilhadas e Estilos de Interação

2.1. Caracterização de Estilos de Interação observados nas narrativas co-partilhadas

A observação espontânea das várias formas como a díade se comportava perante a tarefa de co-construção narrativa, suscitou o interesse de diferenciar tipos interação. Assim, a tarefa co-partilhada entre a mãe e a criança foi sujeita a uma análise da interação que resultou na caracterização do posicionamento da díade durante a construção da narrativa em cinco estilos distintos: Tipo 1 - *Diálogo colaborativo entre a mãe e a criança*; Tipo 2, *Diálogo dominado pela figura materna*; Tipo 3, *Discurso maioritariamente da mãe*; Tipo 4, *Discurso maioritariamente da criança*; Tipo 5, *Discurso por turnos*. Passaremos de seguida a descrever e ilustrar com extratos dos diálogos, cada tipo de interação.

O tipo 1, *Diálogo colaborativo entre a mãe e a criança*, é caracterizado por uma postura em que a mãe e a criança estão voltadas uma para a outra, de olhos nos olhos, como se estivessem a ter uma conversa. A mãe e a criança contam a narrativa num diálogo, ambas adicionam informação, e a mãe tende a respeitar os assuntos que a criança relata, tentando explorá-los. O discurso é marcado pelo uso da 2ª pessoa do singular, *tu*. Exemplo:

M: *Foi. Bem, chegaste a casa, tinhas a irmã à espera.. a P., não foi? E depois, o que fizeste?*

C: *E depois quando...*

M: *Tinhas mais o quê? à tua espera?*

C: *Ah! ... a minha irmã veio-me apresentar o meu quarto..*

M: *O quarto dos dois, não era o teu! É dos dois.. era dela.. e tinha lá uma cama que era p'ro M...*

C: *Ahmm, tinha... uma cama normal e um gavetão e eu durante..*

M: *Algum tempo.. ficou no gavetão. Nós não sabíamos se o Rafael caía da cama, se não caía da cama..*

C: *E depois.. fui revistar o armário. Vá... Abri as duas portas, as três portas! Encontrei um presente! E depois, perguntei à minha irmã para quem era aquele presente. E, ahmm, aquele presente que estava lá era.. p'ra mim. E a minha irmã pensou que eu gostava muuuuito daquilo, que é um camião dos bombeiros.*

O tipo 2, *Diálogo dominado pela figura materna*, é também marcado por uma postura em que a mãe e a criança estão voltadas uma para a outra, em tom de conversa. No entanto, por a criança manifestar uma atitude mais tímida e a mãe domina a maior parte da narrativa, introduzindo os temas e questionando a criança de forma a que esta tenha uma participação ativa na tarefa. O discurso é marcado pelo uso da 2ª pessoa do singular, *tu*.

Exemplo:

M: *Ai, não querias tomar banho! E porquê que não querias tomar banho? Pois não, não querias. E tu lembras-te disso..de não querer tomar banho?*

C: ...

M: *Não querias, choravas muito para tomar banho..*

C: *E tirávamos fotos.*

M: *E tirávamos fotos, distraía-te, que era pra tu relaxares. E mais? E depois, passado, pouco tempo.. prai meio ano, foste pra escolinha. Para a sala da L. E com a L. ficaste até ir para a escola. Mas aquilo foi uma paixão com a L... Certo? O que é que a L. te deu?*

O tipo 3, *Discurso maioritariamente da mãe*, é caracterizado por uma postura da mãe e da criança voltadas para a entrevistadora, sendo o discurso dirigido à mesma. Quase todos os temas são conversados apenas pela mãe, tendo a criança uma participação quase nula, onde apenas responde a breves perguntas ou tece pequenos comentários. O discurso é marcado pelo uso da 3ª pessoa do singular, *ele/ela*. Exemplo:

M: *Era, exatamente. Mas ela pregava-me uma partida.. 'Escolhe uma coisa pequenina', e ela escolheu uma coisa pequenina, só que era cara. Mas pronto.. E sempre foi uma criança muito fácil, nunca deu problemas. Muito adorada. Gosta muito de estar com a família. Quando era pequenina, demos-lhe um cavalo de..de..de madeira, daqueles que (...), e a A. esgotava aquilo que era uma coisa doida, maluca..*

C: *Até saía do lugar.*

M: *Até saía do lugar. Era duma violência. Gostava muito de cavalos. Também.. E carrinhos. Portanto, tudo o que a A. teve.. os brinquedos que a Inês tem são todos escolhidos, porque ela gosta. E dificilmente, se liberta deles. Não é.. Agora está crescida, eu quero dar alguns brinquedos. Eu quero e não consigo, porque a A. gosta.. não escolhe por acaso. Gosta e é aquilo que ela.. Gosta e compra ou traz para casa, porque gosta. Não é porque os outros têm e tem.. e é muito apegada às coisas dela. Portanto, e é um bocado difícil..*

O tipo 4, *Discurso maioritariamente da criança*, apresenta uma postura da mãe e da criança voltadas para a entrevistadora, em que a criança toma a iniciativa de contar toda a sua história de vida, tendo a mãe uma postura mais passiva. Os assuntos são quase todos introduzidos pela criança, tendo a mãe uma participação quase nula, acrescentando pequenos pedaços de informação ou confirmando a história de vida. O discurso é marcado pelo uso da 1ª pessoa do singular, *eu*. Exemplo:

C: *Sim, aos seis. Comecei a tocar guitarra na academia (...), que não era das melhores mesmo. Ah, pronto. Até ao quarto ano.. Melhor, até ao terceiro.. No terceiro ano entrei para piscina. Terceiro ou segundo, já não sei. Acho que foi no terceiro, mas no início, não no fim. Depois no fim do terceiro.. piscina.. no final do quarto ano. Ahm, depois, música no final do terceiro ano mudei-me de escola para a academia de música de Costa Cabral. Então, fiquei até lá, mas depois para passar para o quinto ano fiz a.. fiz umas aulas experimentais de instrumentos para ver se eu queria mudar. E..e quis. E a meio do segundo dia, que aquilo eram dois dias.. e no segundo dia o que me aconteceu, tive uma apendicite. E depois tive uma semana no hospital e.. pronto, depois voltei e fiz a uma terça feira, não fiz os dois dias, mas fiz só o último que foi.. era o que me faltava, ahm, das aulas experimentais. Então, fiz o último e isso e decidi mudar-me para um instrumento de sopro, chamado oboé. Então, depois fui de férias, vim e coisa e tal, e então estamos no terceiro período.*

O tipo 5, *Discurso por turnos*, volta a caracterizar-se pela postura da díade voltada para a entrevistadora. O discurso, dirigido à entrevistadora, toma turnos, em que cada elemento da díade espera a sua vez para falar. Ambas introduzem temas na narrativa, no entanto são raras as interações entre elas. O discurso é marcado pelo uso da 1ª pessoa do singular, *eu*, quando a criança intervém, e da 3ª pessoa do singular, *ele/ela*, quando a mãe intervém. Exemplo:

M: *A S. tem 10 anos, nasceu a 20, do 12, de 2003, com 3 quilos e meio, muito gordinha, muito pequenina. Tem sido uma criança muito saudável. Nunca teve problemas, ahmmm, graves. Graças a deus!*

C: (risos)

M: *É muito responsável na escola, ahmm... podia-se esforçar mais para tirar melhores notas. É uma menina muito bem disposta, muito amiga do seu amigo. Gosta de ver muita televisão, gosta muito de ir à Roménia e, por norma, gosta muito de brincar com a irmã. Agora és tu.*

C: *Eu costumo ir à Roménia todos os anos, pois o meu pai nasceu lá. E tenho lá a família do meu pai. E visito-os todos os Verões.*

Por fim, observou-se também a mistura do tipo 2 com o 3, que se caracteriza por uma mistura de um diálogo dominado pela figura materna, na tentativa de comunicar com a criança, e por um discurso maioritariamente da mãe, em que esta já se foca na entrevistadora. Exemplo:

C: *Quando fui de férias para o Algarve, às 5 da manhã com o papá.*

M: (risos) *Ela adorou ir! Depois foi ter com os meus pais e ficou lá com eles uns dias e pronto... Para ela foi muito independente e..*

C: *Fui p'ra piscina, fui p'ra praia..*

M: *Ela adora piscina, adora àgua. E no ano passado fomos a um sítio que tu gostaste muito, muito, não foi?*

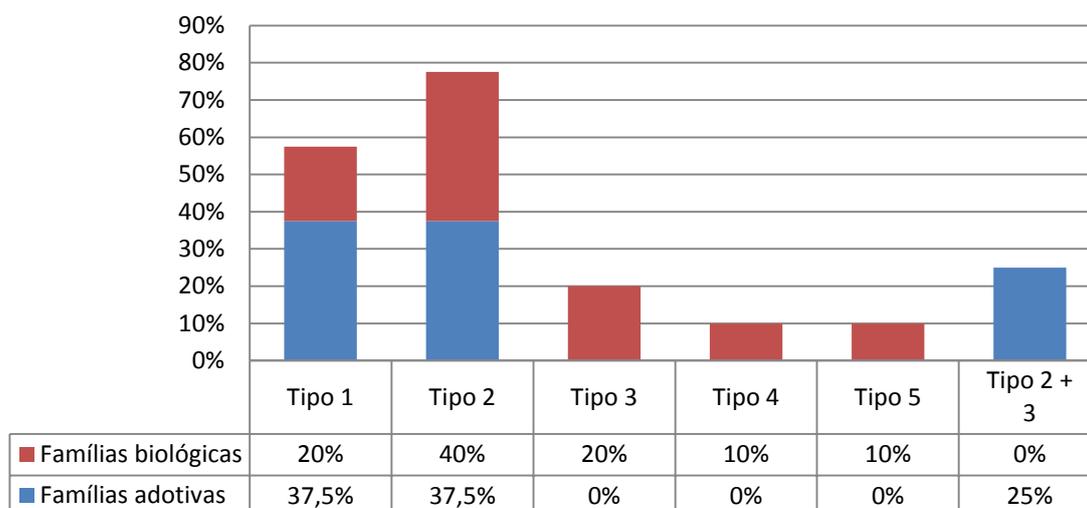
C: *Qual é?*

M: *É o aquapark.*

C: *Aqua quê?*

M: *O aquapark. Aquele parque de escorregas. Nós fomos passar pela R. e pelo P... Tu querias ir outra vez este ano!*

Gráfico 2. Percentagem dos estilos de interação entre mãe e criança segundo famílias adotivas e biológicas.



Pela leitura do gráfico 2, pode observar-se uma tendência para as mães adotivas interagirem segundo o tipo 1 ou o tipo 2, ou seja, existe uma tendência para um diálogo com a criança, tentando fazer com que esta seja um participante ativo na conversa. Por outro lado, as tendências das mães biológicas já estão mais espalhadas pelos estilos, sendo o mais frequente o tipo 2, diálogo dominado pela mãe.

2.2. Estilos de Interação em função do tipo de abordagem ao período pré-adoção e à adoção

Sendo o grupo de famílias por adoção o alvo no nosso maior interesse, as análises dos estilos de interação serão focadas apenas em dois tópicos, nomeadamente, em função da comunicação do passado anterior à adoção e comunicação sobre a adoção.

Tabela 12. Frequências dos estilos de interação em função aos assuntos relativos ao passado anterior à adoção

	Ref. à fam. biológica	Ref. ao motivo da retirada	Ref. a contextos de cuidado anteriores	Ref. a episódios que a criança viveu
Diálogo colaborativo entre a mãe e a criança	2	1	2	2
Diálogo dominado pela figura materna	3	2	3	2
Tipo 2 + 3	1	1	1	1

Através da leitura da tabela, pode verificar-se que existe uma maior tendência para referir a maior parte dos tópicos relativos ao passado anterior à adoção quando o diálogo é dominado pela figura materna, ou seja, tipo 2. Exceto na referência a episódios que a criança terá vivido em que a frequência é igual nas famílias em que predomina o tipo 1, diálogo colaborativo entre a mãe e a criança, e o tipo 2, diálogo dominado pela figura materna.

Tabela 13. Frequências dos Estilos de Interação em função aos assuntos relativos à adoção.

	Refere a adoção	Desenvolve o assunto da adoção	Conta episódios sobre a adoção
Diálogo colaborativo entre a mãe e a criança	1	0	2
Diálogo dominado pela figura materna	2	1	0
Tipo 2 + 3	1	1	0

Em relação aos estilos de interação em função da referência de assuntos relativos a adoção pode verificar-se que o tipo 1, diálogo colaborativo entre a mãe e a criança, 2 famílias contam episódios sobre a adoção e 1 apenas se refere ao tópico. Quanto ao tipo 2, diálogo dominado pela figura materna, observa-se que 2 famílias apenas referem a adoção e 1 desenvolve o assunto. Na mistura dos tipos 2 e 3, verifica-se que uma família apenas refere o tópico e uma família desenvolve o assunto da adoção.

IV. Discussão dos Resultados

Depois de realizada a análise dos resultados, proceder-se-á à discussão dos mesmos tendo em consideração os objetivos específicos que nortearam esta investigação. Assim, o presente capítulo foi elaborado com a seguinte estrutura: PARTE A, onde serão realizadas apreciações dos resultados referentes às variáveis relativas às Aberturas, Hábitos Narrativos e Perfil de Personalidade; e PARTE B, onde será realizada uma apreciação global das narrativas, uma vez que os dados já foram sendo comentados ao longo do capítulo anterior.

PARTE A

1. Diferenças entre famílias adotivas e famílias biológicas ao nível da Abertura da Comunicação Geral e ao nível da Abertura da Comunicação sobre o Passado.

Começa-se por analisar as diferenças existentes entre as famílias adotivas e famílias biológicas ao nível da Abertura da Comunicação em Geral e ao nível da Abertura da Comunicação sobre o Passado.

Os resultados demonstraram, que não existem diferenças significativas entre os dois tipos de família ao nível do total da Abertura da Comunicação em Geral. A Abertura da Comunicação em Geral refere-se a conversas sobre a escola, bem como a questões quotidianas, o que poderá explicar este resultado, uma vez que são assuntos que remetem para uma gestão das rotinas no seio familiar que, tendencialmente, poderão ser abordados exatamente da mesma forma pelos dois tipos de família. Ainda que as diferenças não tenham sido significativas, foi interessante verificar que as famílias adotivas demonstram uma maior tendência para conversar sobre histórias familiares do que as famílias biológicas. Esta tendência, poderá estar relacionada com o facto de haver um maior investimento por parte das famílias adotivas em recuperar histórias familiares, no sentido de potenciar a integração da criança e ampliar o seu sentido de pertença à nova família. Por outro lado, atendendo ao facto da maioria das crianças adotadas em idades tardias, este aspeto poderá estimular as mães em fazê-lo, uma vez que as crianças apresentam uma maior capacidade de compreensão, relativamente a crianças que tenham sido adotadas em idade precoce. De igual modo, as crianças mais velhas poderão mostrar-se mais curiosas em relação a pormenores sobre a história da família adotiva, constituindo parte integrante do processo de adaptação à família e de busca de coerência e continuidade face à sua própria história.

Em relação à Abertura da Comunicação sobre o Passado, isto é, falar sobre a adoção da criança ou sobre acontecimentos críticos no caso das famílias biológicas, também não se evidenciaram diferenças significativas entre os dois tipos de família. Este resultado pode ter que ver com o facto das famílias adotivas não reconhecerem como necessidade falar sobre o assunto da adoção ou então não parte dos pais a iniciativa em falar sobre este aspeto, deixando ser a criança a tomar esta iniciativa, respondendo às verbalizações da criança sobre a temática. Numa análise mais minuciosa dos itens que constituem os conceitos de Abertura da Comunicação sobre o Passado, verificam-se diferenças significativas entre os dois tipos de famílias. Assim, observa-se que as mães

biológicas apresentam uma maior dificuldade em responder a perguntas sobre acontecimentos críticos do que as mães adotivas sobre assuntos relativos à adoção. Este resultado poderá estar associado à existência de sessões de formação e esclarecimento sobre a adoção para candidatos à adoção, bem como à maior procura por parte das famílias adotivas de apoio para suprir as dificuldades face à temática. Portanto, nas questões relacionadas com a adoção, os pais adotivos podem antecipar o modo como vão lidar com a temática. Já nas famílias biológicas, a temática da filiação adotiva não se apresenta, mas sim, outros tipos de temas, por exemplo, um luto ou um divórcio, que constituem acontecimentos abruptos e imprevisíveis no ciclo de vida familiar, pode explicar as maiores dificuldades em dar resposta a algumas questões da criança.

Os resultados também demonstram que as mães adotivas revelam uma maior tendência para conversar sobre o passado da criança com algum elemento da família alargada do que as mães biológicas acerca de acontecimentos críticos. Estas conversas surgem normalmente em conjunto com a mãe ou com um irmão mais próximo, e esta tendência poderá revelar a importância da partilha do passado adverso da criança com pessoas que passam a estar presentes na vida desta. Neste caso, também poderá estar implicada uma aproximação às características das famílias biológicas, no sentido de procurarem ajuda a um nível mais interno, não querendo que o assunto passe para fora do núcleo familiar, em detrimento das ajudas externas, como os serviços sociais.

Por fim, as mães adotivas apresentaram uma maior tendência para conversar sobre o passado da criança com um elemento da comunidade do que as mães biológicas sobre acontecimentos críticos. É natural que muitas mães adotivas tenham a necessidade de partilhar a história de vida da criança com um professor por esta ser diferente da história de vida de outras tantas crianças. Constituindo o professor um elemento que vai lidar com a criança com bastante frequência, perceber que algum comportamento que a criança tenha pode ser consequência de um passado mais adverso serve de apelo à sensibilidade do mesmo para estar alerta e também poder antecipar uma resposta adequada. Poderá também servir de alerta para comportamentos de estigmatização dos colegas ou mesmo para a necessidade para adaptar qualquer tarefa escolar que surja em relação à temática da família. Contudo, algumas mães referem que com o tempo tendem a perder a prática de falar com os professores sobre o passado da criança, valorizando a capacidade da mesma criar estratégias por forma a lidar autonomamente com situações relativas à adoção.

2. Associações entre Abertura da Comunicação em Geral e Abertura da Comunicação sobre o Passado e os Hábitos Narrativos

Embora não se tenham verificado diferenças significativas entre os dois tipos de família no total dos Hábitos Narrativos, a análise dos itens desta última variável releva que as mães adotivas apresentam uma maior tendência para desenhar ou pintar com os seus filhos do que as mães biológicas. Este facto pode estar relacionado com a atividade profissional desenvolvida pelas mães desta amostra. Enquanto que a profissão das mães biológicas da amostra se centra em áreas como gestão e economia, a profissão das mães adotivas que participaram no estudo foca-se em áreas como o ensino, arquitetura e psicologia, à partida áreas mais voltadas ou sensíveis à importância da criatividade de atividades de cunho mais artístico.

Ao contrário do expectável, não existe uma associação significativa entre o total dos Hábitos Narrativos e o total da Abertura da Comunicação em Geral. Seria esperado, uma vez que muitas questões da Abertura da Comunicação em Geral são semelhantes e vão de encontro aos itens dos Hábitos Narrativos. No entanto, tal pode talvez atribuir-se ao facto das subdimensões que compõe a Abertura da Comunicação em Geral serem cotadas como variáveis dicotómicas (Sim/Não) tornando-se mais difícil de se estabelecer uma correlação. Tanto que, ao analisar em detalhe as correlações entre os Hábitos Narrativos e as subdimensões da Abertura da Comunicação em Geral, encontra-se uma associação positiva entre os Hábitos Narrativos e a existência de conversas familiares.

Já em relação à Abertura da Comunicação sobre o Passado/Acontecimentos Críticos, os resultados mostram uma correlação positiva com os Hábitos Narrativos. Possivelmente, uma maior frequência de Hábitos Narrativos no seio familiar corresponde a uma maior facilidade no desenvolvimento de conversas com a criança, promovendo as oportunidades de conversação sobre outros assuntos, nomeadamente, sobre o passado.

Numa leitura mais aprofundada entre o total dos Hábitos Narrativos e as subdimensões da Abertura da Comunicação sobre o Passado, obtivemos um resultado que revela uma associação negativa entre os Hábitos Narrativos e o grau de dificuldade da mãe em responder a perguntas da criança. Isto sugere que o desenvolvimento de hábitos narrativos com a criança, nomeadamente, as conversas sobre o quotidiano da mãe e da própria criança, para além de fortalecer a interação, também poderão ajudar a desmistificar muitas dúvidas que as crianças tenham em relação a assuntos passados.

Na leitura das correlações entre o total da Abertura da Comunicação sobre o Passado e os itens dos Hábitos Narrativos, encontram-se duas associações positivas entre a

Abertura da Comunicação sobre o Passado e a tendência para as mães pintarem ou desenharem com os filhos bem como cantarem canções com os seus filhos. Estes dois hábitos narrativos de cariz mais artístico poderão estar associados à criação de uma expressão mais espontânea e livre, que também poderá significar um meio facilitador para que em momentos posteriores a espontaneidade e a liberdade se transfiram para assuntos relativos ao passado.

3. Associação entre Abertura da Comunicação em Geral e Abertura da Comunicação sobre o Passado e Perfil de Personalidade

Dos resultados obtidos acerca das correlações entre o total da Abertura da Comunicação em Geral e as dimensões de personalidade, verificou-se que quanto maior a Empatia da mãe, maior a Abertura da Comunicação em Geral. É natural que conversas sobre questões do quotidiano sejam mais desenvolvidas num ambiente em que a mãe tenha uma boa competência para reconhecer e compreender os sentimentos da criança.

Entre o total da Abertura da Comunicação sobre o Passado e as dimensões do perfil de personalidade foi encontrada uma associação que revela que quanto maior a Independência da mãe, menor vai ser o total da Abertura da Comunicação sobre o Passado. Nesta questão poderá estar implícita o facto de uma mãe mais dependente, tanto no assumir de responsabilidades, como a tomar decisões, ou emocionalmente, sentir mais necessidade de falar sobre vários assuntos, entre eles o passado.

Quanto às subdimensões da Abertura da Comunicação em Geral, quando correlacionadas com as dimensões da personalidade, foram encontrados alguns resultados interessantes.

Verifica-se uma associação que revela que quanto maior a Autoestima e a Tolerância à Frustração, maior é a predominância de conversas sobre histórias familiares. Os momentos de recordar histórias que se passaram em família poderão ser mais frequentes num ambiente em que a mãe tenha um sentimento de valorização de si, bem como uma boa capacidade de lidar com situações de expectativas de desejos não cumpridos.

Outro resultado revela que a capacidade de tomada de decisões em conjunto está correlacionada com um menor Equilíbrio emocional e menor Flexibilidade. Se pensarmos na sobrevalorização da tomada de decisões em conjunto, este resultado poderá significar que quanto mais segurança e controlo a mãe sente de si, menos envolve o filho nas

decisões. Assim, o Equilíbrio emocional poderá ser um indício de imposição limites na questão do envolvimento do filho.

Já em relação às subdimensões que compõe a Abertura da Comunicação sobre o Passado, observamos que quanto maior a existência de perguntas sobre um acontecimento crítico ou sobre a adoção, menor a Flexibilidade da mãe. Se entendermos por flexibilidade, a capacidade de adaptação e compreensão de diferentes pontos de vista, este resultado poderá querer dizer que quanto menor for esta capacidade, mais perguntas irão existir por parte da criança, na tentativa de perceber esse acontecimento crítico ou adoção. Por outro lado, apenas nas famílias adotivas, verificamos que quanto maior o valor da existência de perguntas sobre a família biológica, menor vai ser o valor da Assertividade e da Capacidade de Resolução de Problemas. Este resultado poderá estar associado ao facto de que quanto menor a capacidade da mãe em responder de forma adequada e de dar soluções criativas, maior será a tendência da criança para gerar mais perguntas na tentativa de encontrar uma resposta ótima.

PARTE B

Na análise temática das narrativas foi possível observar que as narrativas das famílias adotivas, em contraste com a das famílias biológicas, têm especificidades, uma vez que a criança tem um passado anterior à família e, portanto, referem um início de trajeto de vida da criança não convencional. Por isso, foi possível criar para as narrativas das famílias adotivas temas mais específicos e que lhes são característicos: o passado anterior à adoção e a adoção.

Os temas relativos ao passado anterior à adoção foram divididos em quatro tópicos: referência à família biológica, referência ao motivo da retirada, referência a contextos de cuidado que a criança terá passado e referência a episódios que a criança terá vivido. Verificou-se que é nas narrativas contadas apenas pela mãe, que há maior frequência de famílias a mencionar todos os temas, exceto quando referem episódios que a criança terá vivido, que tem maior frequência nas narrativas co-partilhadas. Já no tema da adoção pode constatar-se que foi referenciado na totalidade das narrativas, havendo uma maior tendência para só referir nas narrativas co-partilhadas, e uma maior tendência para referir ou contar episódios nas narrativas contadas pela mãe.

A análise qualitativa, explorada na PARTE B da Análise dos Resultados, dá resposta ao principal objetivo desta investigação que questiona, a propósito da abertura da comunicação sobre o passado, se as temáticas relativas ao passado da criança e da adoção

são integradas espontaneamente pela díade e pela mãe nas narrativas ao falar da história de vida da criança. O facto dos temas relativos ao passado anterior à adoção e relativos à adoção realmente estarem presentes nas narrativas, ainda que em algumas as frequências sejam baixas, responde positivamente a este objetivo. Embora não se tenham verificado associações significativas entre a Abertura da Comunicação sobre o Passado e a referência a estas temáticas nas narrativas, a resposta à questão de investigação mantém-se positiva, pois este facto poderá ser explicado pela fragilidade das subdimensões das variáveis. Como foi explicado anteriormente, todas as subdimensões relativas à Abertura da Comunicação sobre o Passado referem-se às percepções da mãe que podem ou não corresponder à realidade, pelo que se torna difícil de estabelecer uma correlação nesta situação. Estas variáveis necessitam de ser mais trabalhadas no sentido de compreender o significado das discrepâncias entre as percepções e a realidade.

V. Conclusão

Esta investigação teve então como principais objectivos, a exploração do conceito da abertura da comunicação em geral na relação mãe-criança e da sua associação com o conceito da abertura da comunicação em relação a acontecimentos relacionados com a adoção e com o passado da criança ou, em famílias biológicas, em relação a acontecimentos críticos; a exploração da variáveis que se relacionem com a abertura da comunicação, nomeadamente os hábitos narrativos e o perfil de personalidade da mãe, bem como exploração da abertura da comunicação sobre o passado da criança e sobre a adoção através da construção de uma narrativa de vida da criança, primeiro co-partilhada entre a díade e, posteriormente, apenas pela mãe; e exploração da interacção mãe-criança na construção da narrativa de vida da criança.

Os resultados obtidos nesta investigação permitiram verificar que foram encontradas diferenças significativas entre as famílias adotivas e as famílias biológicas em relação a subdimensões do índice da Abertura da Comunicação sobre o Passado/Acontecimentos Críticos. Nas narrativas de vida, apesar de existir uma maior diversidade temática nas co-partilhadas, verificou-se uma maior frequência em temas do passado e da adoção nas narrativas contadas pela mãe sozinha. Foi verificado um grande contraste nas narrativas dos dois tipos de família ao nível do tema *Nascimento*, pois foram poucas as famílias adotivas que mencionaram este tópico. Evidenciou-se uma correlação positiva entre o índice de Abertura da Comunicação sobre o Passado e os Hábitos Narrativos e outra com a dimensão de *Independência* do perfil de personalidade da mãe,

assim como, e uma correlação positiva entre o índice de Abertura da Comunicação em Geral com a dimensão da *Empatia*. Por fim, foram diferenciados cinco Estilos de Interação mãe-criança no processo de comunicação durante a co-construção da narrativa, sendo que nas famílias adotiva nem todos tiveram expressão. Nestas famílias predominaram os estilos de *diálogo colaborativo entre mãe e a criança* e o *diálogo dominado pela mãe*, destando absolutamente ausente o *discurso maioritariamente da criança* e *discurso por turnos*.

O cariz exploratório do presente estudo confere-lhe algumas limitações às quais se deve prestar a devida atenção.

Uma das grandes limitações consiste no reduzido número de participantes que não constitui uma amostra representativa da população das famílias adotivas. Outra das limitações está relacionada com o número de famílias adotivas e biológicas, em que as biológicas estão representadas em maior número, sendo este, também, bastante pequeno.

Apesar das limitações poderá dizer-se que o estudo da exploração dos conceitos da Abertura e as associações encontradas com os Hábitos Narrativos e com o Perfil de Personalidade poderão ser uma pista interessante para aprofundar estas questões. O fato de não existir correlação entre a Abertura da Comunicação em Geral e a Abertura da Comunicação sobre o passado revela a sua importância no sentido em que se deverá procurar outros caminhos na investigação por forma a compreender a que estará associada a Abertura da Comunicação sobre o Passado.

De igual modo, as informações e os resultados apresentados neste estudo oferecem não só uma maior compreensão acerca das temáticas exploradas, mas, sobretudo, levanta novas questões que podem servir de sugestão para estudos futuros. Seria interessante na continuidade deste estudo, explorar a presença dos temas relativos ao passado da criança e relativos à adoção numa narrativa apenas contada pela criança e comparar com as existentes neste estudo. Outra sugestão seria a exploração da presença de cada um dos temas na narrativa de vida da criança através do tempo dedicado a cada um deles, focando-se na quantidade do discurso. Outras possibilidades e até com estes dados, será analisá-los quanto aos estilos parentais de interação e no estilo elaborativo das mães de acordo com o sistema usado por Fivush, de modo a vir a explorar o impacto que têm no desenvolvimento da criança, voltando por exemplo a avaliar estas crianças num momento posterior.

Em síntese, a diversidade de variáveis envolvidas nesta investigação permitiram realçar aspetos importantes como a preparação que as mães adotivas parecem beneficiar para abordar questões sobre a adoção e sobre o passado da criança, em contraste com as mães biológicas que não dispõem de apoios específicos para abordar com a criança

acontecimentos críticos que surpreendem as suas vidas. Pode-se realçar também a associação entre a Abertura da Comunicação sobre o Passado com os hábitos narrativos, visto que em conversas sobre o quotidiano, tanto da mãe como da criança, para além de fortalecer laços, poderão ajudar a desmistificar muitas dúvidas que as crianças tenham em relação a assuntos passados. Por fim, a Abertura da Comunicação sobre o Passado parece estar também envolvida em variáveis individuais da mãe relativas à capacidade desta fornecer respostas adequadas sobre o passado, o que poderá vir a dar pistas sobre como individualizar o suporte a dar em cada caso, para que a construção de um diálogo aberto mãe-filho/a seja em todas as famílias uma realidade.

Referências Bibliográficas

- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. (L. A. Reto & A. Pinheiro, Trad.) Lisboa: Edições 70. (Original publicado em 1977).
- Bohanek, J., Marin, K., Fivush, R. e Duke, M. (2006). Family Narrative Interaction and Children's Sense of Self. *Family Processes*, 45, 39-54
- Brodzinsky, D. (1987). Adjustment to Adoption. *Clinical Psychology Review*, 7, 25-47
- Brodzinsky, D. M. (1990). A stress and coping model of adoption adjustment. In D. M. Brodzinsky, D. Schechter (Eds.), *The psychology of adoption*. New York: Oxford University Press.
- Brodzinsky, D. M. (1993). Long-term outcomes in adoption. The future of children. *Adoption*, 3, 153-166.
- Brodzinsky, D. M. (2005). Reconceptualizing openness in adoption: Implications for theory, research and practice. In D. Brodzinsky & J. Palacios (Eds.), *Psychological Issues in Adoption: Research and Practice*. New York: Greenwood.
- Brodzinsky, D. M. (2011). Children's understanding of adoption: developmental and clinical implications. *Professional Psychology: Research and Practice*, 42, 200-207.
- Brodzinsky, D. M., Lang, R., & Smith, D. W. (1995). Parenting adopted children. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting* (pp. 209-232). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Brodzinsky, D. M. & Pinderhughes, E. E. (2002). Parenting and child development in adoptive families. In M. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting (Vol.1)*. New Jersey: Erlbaum Associates.
- Brodzinsky, D. M., Singer, L.M. & Braff, A. M. (1984). Children's understanding of adoption. *Child Development*, 55, 869-878.
- Bruner, J. (1990). *Acts of meaning*. Cambridge, MA: Harvard University.
- Burger, L. K., & Miller, P. J. (1999). Early talk about the past revisited: Affect in working-class and middle-class children's co-narrations. *Journal of Child Language*, 26, 133 – 162.
- Eisenberg, A. (1985). Learning to describe the past. *Discourse Processes*, 8, 177-204.
- Fivush, R. (1991). The social construction of personal narratives. *Merrill-Palmer Quarterly*, 37, 59-82.
- Fivush, R. (1998). Gendered narratives: Elaboration, structure and emotion in parent – child reminiscing across the preschool years. In C. P. Thompson, D. J. Herrmann, D. Bruce, J. D. Read, D. G. Payne, & M. P. Toglia (Eds.), *Autobiographical memory: Theoretical and applied perspectives* (pp. 79 – 104). Mahwah, NJ: Erlbaum.

- Fivush, R., & Fromhoff, F. (1988). Style and structure in mother-child conversations about the past. *Discourse Process*, 11, 337-355.
- Fivush, R., Haden, C.A., & Reese, E. (2006). Elaborating on elaborations: Role of maternal reminiscing style in cognitive and socioemotional development. *Child Development*, 77, 1568–1588.
- Fivush, R., & Nelson, K. (2006). Mother – child talk about the past locates the self in time. *British Journal of Developmental Psychology*, 24, 235 – 251.
- Fivush, R., & Reese, E. (1992). The social construction of autobiographical memory. In M. A. Conway, D. Rubin, H. Spinnler, & W Wagenaar (Eds.), *Theoretical perspectives on autobiographical memory* (pp. 115-132). Norwell, MA: Kluwer Academic.
- Ge, X., Natsuaki, M.N., Martin, D., Leve, L.D., Neiderhiser, J.M., Shaw, D.S., Villareal, G., Scaramella, L., Reid, J. & Reiss, D. (2008). Bridging the divide: Openness in adoption and post-adoption psychosocial adjustment among birth and adoptive parents. *Journal of Family Psychology*, 22, 529-540.
- Gonçalves, O. F. (2000). *Viver narrativamente: A psicoterapia como adjectivação da experiência*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Habermas, T., & Bluck, S. (2000). Getting a life: The emergence of the life story in adolescence. *Psychological Bulletin*, 126, 748 – 769.
- Haden, C., Haine, R., & Fivush, R. (1997). Developing narrative structure in parent – child conversations about the past. *Developmental Psychology*, 33, 295 – 307.
- Harley, K., & Reese, E. (1999). Origins of autobiographical memory. *Developmental Psychology*, 35, 1338 – 1348.
- Hawkins, A., Beckett, C. Rutter, M. Castle, J., Groothues, C., Kreppner, J., Stevens, S. & Sonuga-Barke, E. (2008). Communicative openness about adoption and interest in contact in a sample of domestic and intercountry adolescent adoptees. *Adoption Quarterly*, 10(3), 131-156.
- MacIntyre, J. C. (1990). Debate forum: Resolved: Children should be told of their adoption before they ask: positive. *Journal of the American Academy of child and adolescent psychiatry*, 29, 828-829, 832-833.
- Mascarenhas, M. C. & Alarcão, M. (2003). Famílias adoptivas e processo de adopção. In C. Machado & R. A. Gonçalves (Coord.) *Violência e vítimas de crimes. Vol 2 Crianças 3ª ed.* (pp.229-274). Coimbra: Quarteto.
- McCabe, A., & Peterson, C. (1991). Getting the story: A longitudinal study of parental styles in eliciting narratives and developing narrative skill. In A. McCabe & C. Peterson (Eds.), *Developing narrative structure* (pp. 217–254). Hillsdale, NJ: Erlbaum.

- McRoy, R.G, Grotevant, H. D., Lopez, S. A. & Futura, A. (1990). Adoption revelation and communication issues: implications for practice. *Families in society*, 71(9), 550-557.
- Miller, P. J. (1994). Narrative practices: The role of socialization and self-construction. In U. Neisser & R. Fivush (Eds.). *The remembering self: Construction and accuracy in the life narrative* (pp. 158-179). New York: Cambridge University Press.
- Miller, P.J., & Sperry, L.L. (1988). Early talk about the past: The origins of conversational stories of personal experience. *Journal of Child Language*, 15, 293–315.
- Neil, E. (2009). Post-adoption contact and openness in adoptive parents' minds: Consequences for children's development. *British Journal of Social Work*, 39, 5-23.
- Nelson, K. (1993). The psychological and social origins of autobiographical memory. *Psychological Science*, 4, 7–14.
- Nelson, K., & Fivush, R. (2004). The Emergence of Autobiographical Memory: A Social Cultural Developmental Theory. *Psychological Review*, 111, 486 – 511.
- Palacios, J. (1998). Familias adoptivas. In M. Rodrigo & J. Palacios (Eds.). *Familia y desarrollo humano* (pp. 353-371). Madrid: Alianza Editorial.
- Palacios, J. (2007). Después de la adopción. Necesidades y niveles de apoyo. *Anuario de Psicología*, 38(2), 181-198.
- Palacios, J. & Sandoval, Y.S. (2005). Beyond adopted/non-adopted comparisons. In D. Brodzinsky & J. Palacios (Eds.). *Psychological issues in adoption: research and practice*. Westport, CT: Greenwood.
- Polkinghorne, D. E. (1988). *Narrative knowing and the human sciences*. Albany, New York: SUNY Press.
- Reese, E., & Fivush, R. (1993). Parental styles of talking about the past. *Developmental Psychology*, 29, 596–606.
- Reese, E., Haden, C.A., & Fivush, R. (1993). Mother–child conversations about the past: Relationships of style and memory over time. *Cognitive Development*, 8, 403–430.
- Russell, R. L., & Van Den Broek, P. (1992). Changing narrative schémas in psychotherapy. *Psychotherapy*, 29, 344-353.
- Sarbin, T. (1986). The narrative as a root metaphor for psychology. In T. Sarbin (Ed.), *Narrative psychology: The sorted nature of human conduct* (pp. 3-21). New York: Praeger.
- Smith, J. (1997). *The realities of adoption*. Lanham: Madison Books.
- Tessler, M., & Nelson, K. (1994). Making memories: The influence of joint encoding on later recall by young children. *Consciousness and Cognition*, 3, 307 – 326.

Tillman, H., Negele, A., Mayer, F. B. (2010). “Honey, you’re jumping about”—Mothers’ scaffolding of their children’s and adolescents’ life narration. *Cognitive Development*, 25, 339–351.

Vygotsky, L. S. (1978). *Mind in society: The development of higher psychological processes*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Wieder, H. (1977). On Being told of Adoption. *Psychoanalytic Quarterly*, 46, 1-22.

Wiley, A. R., Rose, A. J., Burger, L. K., & Miller, P. J. (1998). Constructing autonomous selves through narrative practices: a comparative study of working-class and middle-class families. *Child Development*, 69, 833 – 847.

Wrobel, G., Kohler, J., Grotevant, H., & McRoy, R. (1998). Factors related to patterns of information exchange between adoptive parents and children in mediated adoptions. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 19, 641–657.

Wrobel, G., Kohler, J., Grotevant, H., & McRoy, R. (2003). The Family Adoption Communication (FAC) model: Identifying pathways of adoption-related communication. *Adoption Quarterly*, 7, 53–84.